

ADEMAR ARTHUR CHIORO DOS REIS

MAGNETISMO, VITALISMO

E O PENSAMENTO DE KARDEC

CPDoc Centro de Pesquisa e Documentação Espírita

Santos

1996

"Digitalizado em fev/2011 pelo CPDoc"

SUMÁRIO

SOBRE O CPDOC	3
PREFÁCIO	4
INTRODUÇÃO	6
I. ASPECTOS PRELIMINARES	
1. O CENÁRIO: A SAÚDE NAS FORMAÇÕES SOCIAIS CAPITALISTAS	9
2. O DESENVOLVIMENTO DO RACIONALISMO CIENTÍFICO	15
3. AS ACADEMIAS DE CIÊNCIA E A LEGITIMAÇÃO DA VERDADE	17
II. MAGNETISMO	
1. MESMER E O MAGNETISMO	20
2. MAGNETISMO, SONAMBULISMO E HIPNOSE	26
3. O HIPNOTISMO	32
4. O DECLÍNIO DO MAGNETISMO	35
5. O MAGNETISMO, O ESPIRITISMO E KARDEC	38
III. VITALISMO	
1. ORIGEM E TRAJETÓRIA DO VITALISMO	44
2. HAHNEMANN E O VITALISMO	50
3. VITALISMO E KARDEC	53
4. O DESTINO DO VITALISMO	58
CONCLUINDO	61
BIBLIOGRAFIA	63

SOBRE O AUTOR

ADEMAR ARTHUR CHIORO DOS REIS

- * Reside em Santos-SP
- * Médico sanitaria e homeopata
- * Secretário da Saúde de São Vicente-SP e Presidente do Conselho de Secretários Municipais de Saúde do Estado de São Paulo
- * Professor Regente em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas de Santos
- * Professor no Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Católica de Santos
- * Mestrando em Saúde Coletiva da UNICAMP
- * Diretor de Estudos do Centro Espírita "Allan Kardec". (Santos-SP)
- * Membro do Grupo de Pesquisas Científicas "Ernesto Bozzano" (GPCEB)
- * Membro do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc)

SOBRE O CPDoc

O Centro de Pesquisa e Documentação Espírita - *CPDoc* - é um grupo fundado em 1988, em Santos-SP, por jovens espíritas que se conheciam dos Encontros Regionais realizados no Estado de São Paulo. Atualmente é composto de 15 pessoas residentes nas cidades de Santos, São Paulo e Guarulhos. As reuniões são bimestrais e acontecem quase sempre no primeiro domingo de todo mês par, alternando entre as cidades de Santos e São Paulo.

Formado com a finalidade de desenvolver pesquisas sobre o Espiritismo, o *CPDoc*, desta maneira, cria um espaço para a elaboração, discussão e divulgação de estudos e pesquisas nas diversas áreas do conhecimento relacionadas com o Espiritismo.

A atividade principal do *CPDoc* tem sido a discussão de trabalhos escritos por integrantes do grupo. Seus membros desenvolvem individualmente uma monografia com o tema de seu interesse. O autor repassa sua monografia aos demais integrantes no prazo de um mês antes da data prevista. Cada participante, por sua vez, compromete-se a apresentar, no dia da reunião, propostas de revisão. O autor, então, propõe-se a reescrever sua pesquisa com referência às sugestões e observações levantadas pelo grupo e reapresentá-la posteriormente para uma nova apreciação. O objetivo desta maratona é fazer com que os trabalhos apresentados cheguem ao nível de serem publicados, como este livro. O *CPDoc* também divulga sua produção em Simpósios, Centros Espíritas e Atividades Culturais.

PREFÁCIO

O meio espírita possui, ao menos no Brasil, uma forte tendência à repetição incansável de conceitos, juízos ou princípios que, um dia, foram ditos por alguém de alguma expressão nesse meio. É claro que referências históricas são fundamentais para o Espiritismo, assim como também o são para qualquer escola de pensamento filosófico ou qualquer sistema científico. O mal acontece quando tal referência passa ser uma *reverência*, porque então está muito próxima de tornar-se um dogma.

O efeito pernicioso do dogma não está no conceito, juízo ou princípio que ele expressa (que pode, às vezes, ser de uma clareza e profundidade maravilhosas), mas no fato que, por pressupor uma verdade absoluta, tolhe a mais importante característica do homem, que é sua criatividade, sua tendência natural ao questionamento e à exploração de novas facetas da verdade, ou da realidade.

Dos vários exemplos que dispomos para confirmar essa opinião, vamos atermos a dois, em particular: o primeiro diz respeito à importância do Magnetismo na estruturação do Espiritismo, e o segundo ao conceito de princípio vital.

Uma idéia comumente expressa no movimento espírita (e mais comumente ainda aceita) é que Kardec era adepto da teoria magnetista, mas que, achando-a insuficiente para a explicação dos fenômenos com os quais se defrontava, procurou outras explicações e acabou por codificar a doutrina dos espíritos. Relegou então o Magnetismo a um "segundo plano", o de mero auxiliar, no plano físico do Espiritismo. Esta idéia, sem ser inteiramente falsa, não permite abarcar de modo completo a afinidade do Espiritismo com o Magnetismo, que são, no dizer de Kardec, "*duas ciências gêmeas, que se completam e explicam uma pela outra*". Nem fornece uma idéia clara do quanto às práticas que eram seguidas nos primeiros

"*círculos magnéticos*" influenciaram os primeiros centros espíritas, de uma maneira tal que até hoje permanecem em alguns de nossos centros.

Com respeito ao vitalismo, adotado por Kardec com o postulado do princípio vital como elemento de vivificação da matéria, dá-se algo parecido. Tal conceito é encarado pelos espíritas como absoluto, não se levando em consideração toda a complexidade que foi (e, de certo modo, continua sendo) para Kardec e seus seguidores a assunção de uma tese rejeitada pelas academias da "ciência oficial". Passa-se por alto a rejeição à própria Homeopatia, o surgimento do Neo-Vitalismo, a substituição do termo "fluido vital" por força vital (em adequação às descobertas da física moderna), enfim, toda uma gama de conceitos, juízos e princípios que são importantíssimos para a própria sustentação do espiritismo enquanto uma doutrina dinâmica.

Esta é a importância deste trabalho. O autor, com sua característica forma, rigorosa e contundente, abre nossos olhos para a necessidade da discussão no meio espírita. Sabe ele da importância que é, para a sobrevivência da doutrina espírita, a estruturação de uma base sólida sobre a qual os espíritas de hoje possam, de modo seguro, construir o futuro do Espiritismo. Para tanto, faz um resgate histórico do Magnetismo e do Vitalismo, que, ao mesmo tempo que fornece subsídios para uma discussão mais ampla sobre estes temas, relembra-nos da necessidade de não nos deixarmos sucumbir às facilidades da estagnação, e alerta-nos sobre nosso papel na criação e desenvolvimento contínuo desta filosofia fantástica que é o Espiritismo.

Juntemo-nos ao autor nesta difícil, mas fascinante travessia.

Santos, 3 de dezembro de 1995

Reinaldo Di Lucia

INTRODUÇÃO

A percepção de que o Espiritismo é lido, consumido e divulgado de maneira extremamente estanque e dicotomizada, quando não equivocada, mobiliza a atenção deste trabalho. É como se Allan Kardec, autor e ator social mais importante do Espiritismo, seu fundador, bem como os sujeitos espirituais que contribuíram com seus olhares e discursos sobre o homem e o mundo, houvessem imposto um novo corte na história, uma ruptura de paradigma que teria levado a uma nova história, cuja única ligação pretérita se daria através do referencial do Cristianismo, logicamente o não "*contaminado*", designado Cristianismo Redivivo ou por outra adjetivação qualquer.

Com este viés, perdeu-se em grande parte a capacidade de compreender o corpo teórico do Espiritismo e do pensamento de Kardec, assim como suas implicações frente aos conhecimentos científicos e filosóficos e as preocupações morais e sociais de sua época, e conseqüentemente, impossibilitando-o frente a tarefa de manter-se vivo e permeável ao progresso das idéias.

Nosso objeto de estudo é a análise da influência de duas importantes vertentes do pensar científico, o *Magnetismo e o Vitalismo*, não apenas do século XIX, mas que se encontram inseridas na história do homem, e que permeiam toda a obra espírita de Allan Kardec, marco referencial teórico do Espiritismo; presentes desde o "*Livro dos Espíritos*", até mesmo nas polêmicas travadas a nível da "*Revista Espírita*".

Pretendemos resgatar, através deste trabalho, uma parcela do "*espírito de uma época*"¹, analisando a origem, a trajetória e certas bases teóricas e sociais das três vertentes aqui desenhadas; análise esta particularmente centrada num período considerado de *gestação*

histórica e nascimento das três disciplinas: o final do século XVIII e a primeira metade do XIX.

O leitor observará, antecipamos, a emersão de categorias e conceitos num contexto histórico específico, onde se esboçam, sem maiores rigores metodológicos uma análise também epistemológica, no sentido em que se examina continuidades e rupturas, teóricas e conceituais. O objetivo principal, repetimos, é o de construir ou resgatar uma historicidade, através do estudo crítico do *Magnetismo* e do *Vitalismo* em contraposição ao *Espiritismo* e ao pensamento de *Kardec*.

É importante frisar que perante as características básicas do Racionalismo Científico Moderno, nem o *Magnetismo*, nem o *Vitalismo* - e muito menos o *Espiritismo* - podem ser consideradas disciplinas científicas; nenhum dos três cumpre os três elementos de síntese comum à realidade científica: o modelo explicativo (mecanicista), o método (experimentalista e dedutivista) e a linguagem (matematizante), ainda hoje não superada, muito embora tenhamos sérias críticas à esta categorização científica, pois refutamos a idéia de que aquilo que se define como ciência seja o único caminho para a verdade, para o conhecimento.

Durante todo nosso trabalho, é importante salientar, estaremos discorrendo também sobre a Medicina e a prática médica, aqui entendidas como a disciplina do social e do natural.

Este trabalho tem por escopo, por fim, a intenção de legar aos interessados no estudo do Espiritismo elementos para uma releitura da obra de Kardec. Se conseguirmos estabelecer relações históricas entre o *Magnetismo*, o *Vitalismo* e o *Espiritismo*, os objetivos deste trabalho terão sido alcançados.

Antes de iniciá-lo, entretanto, gostaríamos de esclarecer ao nosso leitor que este trabalho começou a ser construído em 1987, num evento realizado em Curitiba-PR, cujo objetivo era discutir o "*XIX - Século de Kardec*". Posteriormente, ganhou forma de texto

para a reunião de fundação do *Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc)*, em 1988. Foi transformado em dissertação para obtenção de título de especialista em Homeopatia junto à *Associação Paulista de Homeopatia*, e finalmente, cinco anos após, assume uma versão final. Foi construído durante todo o período; envolvendo e permeando as descobertas intelectuais do autor e, se tome forma, isso se deve em grande parte ao estímulo, as sugestões e críticas dos companheiros *do CPDoc e do Grupo de Pesquisas Científicas "Ernesto Bozzano"*.

¹ LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social - Razão médica e racionalidade científica moderna*. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1988, cap. 1

I

ASPECTOS PRELIMINARES

O CENÁRIO: A SAÚDE NAS FORMAÇÕES SOCIAIS CAPITALISTAS

O final do século XVIII e início do XIX foi o período desenvolvimento do capitalismo industrial, caracterizado pelo crescimento da produção, pelo êxodo rural e pela concentração de novas populações urbanas.

A população europeia era submetida a jornadas de trabalho com duração que atingia 14 ou até mesmo 16 horas por dia, sendo o emprego de crianças (algumas vezes a partir de 3 anos, e mais comumente, a partir dos 7 anos), dos velhos e gestantes, na produção industrial, muito freqüente.²

Os salários miseráveis eram insuficientes para assegurar - necessidades da classe trabalhadora. As condições de moradia extremamente precárias e o desemprego, advindo principalmente em consequência da doença, uma ameaça.

A situação sanitária,³ resultante do processo conturbado em que se dava a urbanização e que em última instância traduzia a miséria social que proliferava nas cidades emergentes, era caracterizada por péssimas condições de higiene, promiscuidade, grandes epidemias, acidentes de trabalho, desnutrição, enfim, de uma massa de trabalhadores muito pobre. Pobreza esta, componente e retrato de

uma população imensa e mendiga, com condições propícias para criar a doença, a delinqüência, o banditismo, a violência e a prostituição.

A luta pela saúde, nesta época, identifica-se com a luta pela sobrevivência: "*viver para o operário é não morrer*".⁴

Neste cenário, as classes dirigentes européias, influenciadas pelos ideais mercantilistas e preocupadas em aumentar o poder nacional, tiveram que eleger o trabalho como elemento essencial de geração de riqueza, tornando necessária a formulação de políticas de saúde que enfrentassem as grandes epidemias, a doença e a morte: evitando perdas de produtividade e assegurando o crescimento populacional e o fornecimento da força de trabalho; questões centrais para o desenvolvimento do capitalismo.⁵

Na Alemanha, a intervenção à enfermidade social foi desenvolvida através da idéia de polícia médica, cuja base doutrinária partia da doutrina mercantilista (camarelismo) e do absolutismo.⁶

Foi na Inglaterra, entretanto, onde a organização da saúde pública e a intervenção estatal sobre os problemas sociais foi mais longe. Definiu-se a questão do controle sanitário como um problema inerente à nova ordem social através da identificação da má qualidade de vida, das habitações, da superpopulação, a ausência de abastecimento de água e de rede de esgotos, com a determinação da saúde ou da doença. E o impacto obtido na mortalidade e no controle de várias epidemias foi extremamente importante.⁷

Para o que aqui nos interessa, cabe ressaltar que o modelo inglês e o alemão influenciaram de forma importante as medidas a serem adotadas na França. No período que compreende fins do século XVIII e a primeira metade do século XIX, o *movimento higienista* traduziu, de certa forma, a resposta social ao perigo representado pela miséria reinante.

As medidas realizadas foram, primeiro, no sentido da efetuação de vigilância intensa da natalidade (estímulo ao crescimento), sobre

a mortalidade, aos projetos de reclusão, prevenção, assistência aos pobres e higienização das cidades, principalmente dos cemitérios e matadouros.⁸ Secundariamente, no controle da circulação. Não dos indivíduos, mas das coisas. Essencialmente da água e do ar, já que a teoria miasmática ainda era hegemônica,⁹ ocorrendo intervenções na higienização das cidades, principalmente em Paris. Construíram-se corredores de ar, avenidas, etc. Mesmo limitada cientificamente, a prática sanitária demonstrou grande permeabilidade e aplicação nos programas de prevenção, de medidas de engenharia sanitária e saneamento do meio ambiente.

Estas intervenções eram realizadas e implementadas pelas Academias de Ciências (de médicos, químicos e biólogos), tendo o Estado como grande estimulador das ações em prol da saúde pública, fornecendo pioneiramente o atendimento médico - ainda coletivo - àquela multidão que, até então, não possuía condições de ter orientação médica individual devido ao seu alto custo e a ineficácia de uma prática inconsistente e altamente lesiva. Cabe ressaltar que a prática cirúrgica ainda não havia sido incorporada à prática médica, o que só ocorreu após o advento da anestesia; já as práticas medicamentosas eram extremamente limitadas e agressivas.

FOUCAULT levanta a hipótese de que o "*capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo, enquanto força de produção, de trabalho*".¹⁰ Mas não foi o corpo que trabalha, o corpo proletário que primeiramente foi assumido pela Medicina. Foi somente em último lugar, na segunda metade do século XIX, que se colocou o problema do corpo e da saúde ao nível da força produtiva dos indivíduos.

A história dos hospitais¹¹⁻¹² nos dá idéia deste processo: até meados do século XIX, o hospital não existia para curar. Era essencialmente uma instituição de assistência a pobres e inválidos.¹³ Ali eram abandonados os portadores de doenças, pois existia a possibilidade de contágio. O hospital possuía a função tanto de

recolher o pobre, como de proteger o restante da população - leia-se: abastada - do perigo. Era lugar de alguém que necessitava de ajuda material e espiritual, afinal estava morrendo. Eram os religiosos que dirigiam os hospitais, e realizavam transição entre a vida e a morte.

O apelo às Academias, de especialistas e cientistas, respeitáveis e *neutras*, para que intercedessem na qualidade de vida foi possível a partir do momento em que a burguesia e a Igreja foram perdendo sua credibilidade e sua imagem de cunho humanista. Quando as preocupações com a saúde se consubstancial numa estratégia cujos objetivos eram "*concernentes à ração da ordem moral e da ordem social nas aglomerações operárias*".¹⁴

As Academias de Ciência,¹⁵ desta forma, acabaram desempenhando importante papel no interior das relações sociais, influenciando decisivamente na reorganização, reordenação e disciplinarização da ordem social capitalista.

O médico, "*reformador da economia ou da política é um personagem freqüente na segunda metade do século XVIII (...) O médico se torna o grande conselheiro e o grande perito; se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir e melhorar o "corpo social"*".¹⁶ E era sua função de higienista que lhe assegurava posição política privilegiada no século XVIII e econômica e social no XIX.

A Saúde Pública, enquanto Sanitarismo, configurou neste período aquilo que foram as práticas sanitárias, restringindo-as a um conjunto de ações sobre os fatores que foram encarados como os responsáveis pelo aparecimento da doença coletivamente, e identificados com o meio urbano, que foi reduzido à disponibilidade maior ou menor das condições adequadas de moradia, esgoto, etc. O cuidado médico individual não tinha a saúde como objeto, mas a doença, e por isso foi tido como limitado, dentro da visão miasmática.

Neste vazío em relação as práticas médicas individuais, cuja origem procuramos relatar até aqui, é que foi possível o surgimento de propostas terapêuticas como as magnéticas, a homeopatia vitalista e as próprias práticas mediúnico-espirituais espíritas.

Após a segunda metade do século XIX, os Estados europeus já garantiam uma intervenção em termos de políticas sociais considerável, representada de um lado, pelo cuidado ao pobre, de outro, pela implementação de medidas de proteção e controle do ambiente, bem como das doenças transmissíveis e das epidemias.¹⁷ A resolução em parte destes graves problemas, a pobreza e as condições sanitárias, juntamente com o desenvolvimento de um novo referencial teórico para a explicação da determinação da causalidade do processo saúde-doença, bem como a perspectiva concreta de intervenção que proporcionaram, explicam, em parte, o recrudescimento das políticas sanitárias e a supremacia da assistência individual, que adotará um modelo claramente hegemônico a partir de postulados bem definidos, como veremos a seguir.

² DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho*. Oboré Editorial, São Paulo, 1987.

³ ROSEN, G. *Da Polícia Médica à Medicina Social*. Graal, Rio de Janeiro, 1979.

⁴ DEJOURS, C. *A loucura do trabalho; estudos de psicopatologia do trabalho*. op. cit., cap. 1, citando Guerin, G.

⁵ COSTA, N.R. *Lutas urbanas e controle sanitário. Origens das políticas de saúde no Brasil*. Vozes, Petrópolis, 2ª edição, 1986.

⁶ COSTA, N.R.. *Lutas urbanas*. op. cit. p.20 . *A polícia médica alemã, autoritária e paternalista, "partia do pressuposto que ao Estado cabia assegurar bem-estar e segurança para o povo, mesmo que contrariando os interesses individuais e justificava o controle coercitivo sobre os problemas sanitários como mecanismo de assegurar a defesa pelo Estado dos interesses gerais da nação."*

⁷ COSTA, N.R. *Lutas urbanas*. op. cit., p.22.

⁸ FOUCALT, Michel. *Microfísica do Poder*. 6ª ed., Graal, Rio de Janeiro, 1986.

⁹ Para a teoria dos miasmas, crença compartilhada por grande parte do saber médico-científico do século XIX, as febres epidêmicas e grande parte das doenças tinham

origem na matéria vegetal e animal em putrefação e nas emanações das águas estagnadas. Partes dos médicos aderiam à teoria do contágio, muito embora, é importante ressaltar, o significado do mundo dos seres microscópicos só tenha sido desvendado a partir das descobertas de Pasteur e Koch, em 1870, até então prevalecendo a teoria da geração espontânea.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. op. cit..

¹¹ CREDIDIO, E. *Homeopatia: Doutrina e Prática*. Ed. Papiros, Campinas, 1987.

¹² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. op. cit..

¹³ MERHY, E.E. *Capitalismo e Saúde Pública*. Papiros, Campinas, 19, p.33. "*Aqui o sentido de perigo tem duplo aspecto: por um lado ele é entendido a partir da concepção de que o pobre, que é um "indolente", possa contaminar os que trabalham, e por outro lado a partir da constatação de que são os pobres os principais portadores das moléstias que levam à doença e à morte em idades precoces"*.

¹⁴ DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. op. cit.

¹⁵ CREDIDIO, E. *Homeopatia: Doutrina e Prática*. op. cit.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. op. cit.

¹⁷ DONNANGELO, M.C.F. *Saúde e Sociedade*. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1979, p.68.

O DESENVOLVIMENTO DO RACIONALISMO CIENTÍFICO

Os avanços empreendidos no século XVIII pela Medicina Moderna Científica, com as descobertas no campo da biologia, da fisiologia e da química, e principalmente do universo celular, com a patologia, que tiveram em MORGGANI sua grande expressão, não foram suficientes para orientar uma intervenção da ciência, coerente com os novos conhecimentos e práticas advindos dos avanços científicos.

Só a partir de meados do século XIX é que foram criados os dispensários e o acesso às consultas individuais médicas passou a ser menos reprimido. Distribuam-se medicamentos e elaboravam-se projetos de organização, pesquisa e intervenção médica. Multiplicaram-se os hospitais. A medicalização¹⁸ da sociedade tomava cada vez mais o rumo do individual.

É verdade, entretanto, que isto foi possível em função do desenvolvimento de um novo referencial teórico construído a partir de PASTEUR e KOCH (1870) e o desenvolvimento da *vertente bacteriológica*. Os avanços da microbiologia nasceram em um contexto de grandes conquistas das ciências naturais a partir de meados do século XIX, entre os quais se destaca o uso do microscópio em vários campos da investigação científica.¹⁹ Demonstrou-se que as doenças infecciosas eram produzidas por microorganismos e não pelas emanções miasmáticas. A partir daí, foi possível adequar os modelos explicativos do processo saúde-doença ao pensamento racional moderno. As bases da ciência racional puderam superar as bases miasmáticas que até então prevaleciam.

O modelo racionalista, mecanicista e dualista, e que mais tarde incorporou organicismo e o evolucionismo (que caracterizavam a

racionalidade científica e que se tornou predominante na Medicina precocemente), dificultou ou mesmo impossibilitou o reconhecimento de outras verdades.²⁰

A ciência passou a ser o modo de produção de verdades socialmente dominantes, substituindo a teologia. É verdade, também, que a razão científica operou uma objetivação do que se chama mundo natural, por um lado, e do mundo humano por outro, dissociando-os do mundo sobrenatural.²¹

¹⁸ DONNANGELO, C. *Saúde e Sociedade*. op. cit.. A autora conceitua medicalização como o processo de mascaramento da realidade, das verdadeiras determinações do processo saúde-doença através da utilização de práticas, medicamentos as ou não.

¹⁹ COSTA, N.R. *Lutas urbanas*. op. cit.

²⁰ LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social*. op. cit., p.121.

²¹ LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social*. op. cit., p.57.

AS ACADEMIAS DE CIÊNCIA E A LEGITIMAÇÃO DA VERDADE

Até o início do século XVIII, e em alguns casos até meados do XIX, a Inquisição²² era a instituição responsável pela resistência não apenas sobre bruxos e feiticeiras, mas também sobre heréticos, isto é, "...sobre dissidentes das doutrinas oficiais sobre o mundo, o movimento dos planetas, a composição da matéria e dos seres humanos, etc. Quando a inquisição se retraiu, finalmente, em matéria de julgar o conhecimento. Academias tomaram o lugar de julgadores da veracidade ou falsidade das proposições científicas".²³

De fato, as teorias científicas modernas foram geralmente marcadas por acirradas disputas que tiveram como palco as Academias de Ciências patrocinadas pelas nações, bancos e pelo comércio. Segundo Luz:

*"A instância de legitimação do saber é corporativa, é a Academia. Os cientistas comunicam-se internacionalmente, trocam publicações, experiências, solidariedade em caso de perseguições políticas. Mas também competem entre si, usurpam as "idéias" uns dos outros, denunciam seus inimigos e concorrentes ao Estado, tentam vender seus projetos a financiadores, ou firmar patentes, no intuito não só de garantir a paternidade, mas também a propriedade de suas invenções."*²⁴

A legitimação teórica e a qualificação eram obtidas através das Academias, corporações dos sábios, instância elitista, apesar de construída em oposição ao Santo Ofício, particularmente nos países de forte tradição católica, "onde ainda no século da razão a fogueira e a tortura faziam calar certas verdades dissidentes sobre a natureza, o mundo, a alma e o homem".²⁵ Na prática, o que garantia a aprovação e a legitimação de uma nova teoria ou conceito era a aprovação das Academias. Tinham o poder, juntamente com as

Escolas e Universidades (controladas pelos acadêmicos), de colocar sobre uma teoria o selo da verdade, elevando ou desqualificando seu autor junto aos seus pares, à sociedade, às Cortes e ao governo. Estava criada a figura do charlatão:

*"...essa figura de desviante moral e herético da ciência, é criação do século da razão. Desde esse momento, é o pior epíteto que um cientista pode ouvir, pois implica em desmoralização e perda de status social e profissional."*²⁶

A partir do triunfo da razão científica, em meados do século XIX, nenhuma teoria ou conceito poderia fugir dos limites do desenho do modelo científico, pois seria considerada não científica e, portanto, não verdadeira.

Por todo esse período, gostaríamos de ressaltar, enquanto o Estado buscava controlar os programas de ensino²⁷ e atribuição de diplomas, as universidades e corporações possuíam o encargo de definir e fornecer a normatização da prática e do saber científico.

Creemos ser insuficiente, para reconstituir o almejado nestas considerações preliminares, o exposto até aqui. Não por objetivo elucidar o processo de organização da pública e de prestação de assistência à saúde no século XIX, do desenvolvimento do racionalismo científico e do papel institucional desempenhado pelas Academias. Ressalta-se, todavia, que é de fundamental importância para a compreensão do cenário onde foi possível emergir experiências tão fantásticas como a do Magnetismo, das práticas embasadas no Vitalismo e, como não poderia deixar de ser, do próprio Espiritismo, três aspectos considerados fundamentais e que procuramos discutir até aqui: aquilo a que HOBBSAWN denominou as conseqüências humanas da industrialização,²⁸ as limitações do conhecimento e das práticas científicas que prevaleceram até o surgimento da vertente bacteriológica; e o papel de legitimação do saber e das práticas desempenhado pelas Academias de Ciência.

Indicamos a leitura de FOUCAULT, de Luz e particularmente de ROSEN, àqueles que se propuserem a reconstituir mais

detalhadamente alguns aspectos necessários à melhor compreensão do *Século de Kardec*.

²² Os estudiosos do Espiritismo encontram em "*Obras Póstumas*", de Allan Kardec, a oportunidade de verificar a atuação da Inquisição contra obras espíritas, no que ficou conhecido como Auto de Fé de Barcelona.

²³ LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social*. op. cit.

²⁴ LUZ, M. T. *Natural, Racional, Social*. op. cit., p.118.

²⁵ LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social*, op. cit., p.119.

²⁶ LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social*, op. cit., p.120.

²⁷ Como podemos averiguar na biografia de Kardec, a própria obra do prof. Rivail sobre reformulação do ensino em França comprova esta nossa afirmação.

²⁸ HOBBSAWN, E. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Forense, Rio de Janeiro, 1978, cap. 4.

II

MAGNETISMO

MESMER E O MAGNETISMO

Em 1766, Franz Anton MESMER apresentou tese doutoral na Faculdade de Medicina de Viena "*De planetarum inflexu*". expondo suas observações sobre o influxo dos planetas, afirmando que existiam influências recíprocas entre os corpos celestes, a Terra e os seres animados, assim como um fluido onipresente de extraordinária sutileza que servia de veículo, tais influências, renovando assim as tradições da antigüidade (as contribuições de Van HELMONT e PARACELSO, que haviam expostos iguais princípios.²⁹

MESMER (1734-1815) era um médico a quem seus contemporâneos reconheciam, ao mesmo tempo, uma inteligência, excepcional e um gosto excessivo pela farsa e pela mistificação. Apesar de tudo, exerceu grande influência no progresso da medicina e da psicologia moderna.

Publicou em 1775 uma Carta explicativa na qual expôs às academias da Europa sua teoria, aplicando o princípio de *atração universal* (NEWTON) e admitindo como verdade primeira a teoria do *fluido universal* conhecida há dois séculos. Verificou que o fluido exercia sobre o corpo humano efeitos análogo ao do imã, devido a presença, nos nervos, de um fluido eletro magnético. Ele supunha que atuando sobre este fluido, poderia curar as doenças, de nervos e outras.³⁰

No entanto, a idéia de MESMER não era nova. Por longe que remontemos na historia das ciências, encontraremos grandes talentos que a formularam melhor ou pior. Envolta no manto do mistério, o Magnetismo origina-se, nos primórdios da civilização.

"A arte de curar esteve estritamente ligada, em todas as épocas e em todas as sociedades, 'a magia e 'a bruxaria; por vezes confundiu-se com essas práticas".³¹

"O médico/mágico pretende ultrapassar essas ciências, penetrar o desconhecido talvez desconhecível, influir na terrível fatalidade. A historia da Medicina é a historia de uma longa e difícil luta entre a maioria cientista e uma minoria mágica, onde os progressistas nessa arte, por paradoxo que seja, nem sempre são os cientistas".³²

No Egito haviam os *templos do sono*, onde os doentes eram conduzidos ao templo de Isis, entregando-se à exercícios espirituais, para obterem o tratamento através dos sonhos.³³

As primeiras nações da Antigüidade, como a Índia, Pérsia, Assíria, Caldéia e China conheciam o magnetismo de toques e passes³⁴ e o uso de imã entre os médicos da China e Oriente Próximo, bem conhecido.³⁵

Na Grécia, numerosos templos se erguiam, dedicados à Esculápio, onde de observava pomposo e complicado ritual, cujo principal objetivo era o de impressionar os doentes. Obrigados a longas e exaustivas peregrinações para chegarem aos templos, eram submetidos a uma infinidade de cerimônias, abluções e severos regimes. Adotavam também a prática de adorações e promessas, representadas por oferecimentos da parte orgânica afetada.³⁶

Curioso é notar que, não obstante os séculos percorridos e a mutação que se operou nos cultos religiosos, essas práticas não desapareceram, como atestam os rituais empreendidos pelos fieis, seja em Aparecida-SP, nas encruzilhadas e templos das afro-religiões e, infelizmente, em muitos centros ditos espíritas.

De importância histórica imensurável é a contribuição de Jesus de Nazaré, cujos fenômenos, curadores ou não, até hoje permanecem inigualáveis e objeto de estudos e análises em todo mundo.

No século V, Aetius de ALMEIDA suprimia as dores da gota das mãos e dos pés com o uso de imã.³⁷

Já no século XV, um professor de Florença chamado apresentava suas idéias que esboçavam a concepção do magnetismo emergente, crendo que os indivíduos exercem ações uns sobre os outros, através de fluidos que passam pelos olhos sob o domínio da vontade.³⁸

No século XVI o suíço Theophrastus Bombastus Von HOHENHEIM abalou a ciência com suas revolucionárias teorias. Para ele, todos os seres vivos estavam submetidos ao *influxo sideromagnético* dos astros, que agia sobre os homens e especialmente sobre as enfermidades. Realizava *curas magnéticas*, utilizando-se de minerais magnéticos.³⁹ Considerava o corpo humano como um verdadeiro imã, dotado de propriedades de atrair o fluido dos astros. Chamou magnetismo 'a comunicação de um indivíduo a outro, de um fluido que faz parte do fluido universal.

MAXWELL estabeleceu a teoria do magnetismo a propósito das manifestações aparentes do espírito vital. Para ele, o agente magnético era o: "...*princípio que unifica o corpo e a alma e que se pode comunicar de um indivíduo a outro*".⁴⁰ MAXWELL recomendava que só estudasse o magnetismo os iniciados de todas as virtudes, pelo poder que o seu conhecimento dava sobre outrem. Mas é MESMER quem vai retomar todas essas teorias. Impressionado com as curas feitas pelo Padre Maxiliano HELL (1720-1792) utilizando-se de um imã, MESMER começou a empregar na cura de seus pacientes um magneto. Consistia a parte principal do tratamento em desencadear crises de convulsão nos doentes. Posteriormente, verificou que obtinha o mesmo efeito sem objetos magnéticos, isto é, apenas impondo suas mãos (passes). Os

efeitos alcançados foram atribuí-dos ao magnetismo humano (animal), distinto do imã e capaz de, por si só, determinar a cura física e mental. Já não atribuía ao imã, mas ao toque manual, a cura dos pacientes. Publicou, então, em 1779, uma "*Memória sobre Magnetismo Animal*", retificando sua tese inicial divulgada na Carta.⁴¹

Atraído pela França devido ao avanço das idéias que aí se verificava, instalou-se em Paris. Sua fama cresceu vertiginosamente, tendo oportunidade de curar pessoas ilustres. O número de enfermos aumentou tanto, que foi obrigado a conceber um sistema de magnetização coletiva, partindo no início, para a magnetização de objetos ou água.⁴²

Com a invenção da cuba mesmérica, passou a atender 30 pacientes por sessão, 300 diariamente. A cuba consistia num recipiente com água magnetizada, do qual saiam numerosas varas ferro, em cujos extremos pontiagudos se prendiam os doentes, colocando estas pontas em suas partes enfermas. Produziam-se, então, variadas reações nervosas ou histéricas, em com efeitos curativos em muitos casos.⁴³ MESMER revestido de um traje lilás e turbante cor-de-rosa, andava de um para o outro, tocando-os com uma *vara mágica*, ao som de *magnetizante*, auxiliado por esbeltos jovens de calças e peitos nus.⁴⁴ Os doentes eram conduzidos para dois compartimentos contíguos, um para cada sexo, chamados *salas de convulsões*. Os homens batiam nas paredes, outros vociferavam. As mulheres despiam-se, rasgavam a roupa, outras proferiam palavras incoerentes.⁴⁵⁻⁴⁶⁻⁴⁷

O caso provocou um escândalo de grande repercussão. O clero protestou vigorosamente contra essas práticas. Mas MESMER obtinha curas em muitos casos. Provocou reações contraditórias, com partidários muito entusiasmados e também enérgicos inimigos. Em 1784 alguns adversários persuadiram Luis XVI a nomear comissão para investigar o mesmerismo. Uma da Academia de Ciências (FRANKLIN, LE ROY, BAILLY, DE BORY, E LAVOSIER),

outra da Faculdade de Medicina (MAJALUT, SALLIM, D'ARCET e GUILHOTIM), e da Real Sociedade de Medicina (POISSONNER, CAILLE, MAUDNYT, ANDRY e JUSSIER). O relatório das três comissões foi inteiramente desfavorável a MESMER, concluindo-se que a crise convulsiva apresentada pelos pacientes era devido unicamente à imaginação e à imitação.⁴⁸

Verificaram que muitos doentes podiam ser curados através de barras de ferro que julgavam estar magnetizadas mas não estavam. Concluíram daí, que o fluido não existia e que tudo se passava na imaginação. Chamou-se os adeptos dessa teoria de *animistas*. Porém, o botânico JUSSIER não apoiou essa conclusão, demonstrando através de experimentação (uma cega que reagia a imanes que lhe eram aproximados do estômago) que MESMER tinha razão. Chamou-se então os partidários de MESMER de *fluidistas*.

Estava criada a polêmica entre animistas e fluidistas que, de certa maneira persiste até hoje, e que foi objeto de preocupação e análise de KARDEC e seus principais seguidores, entre eles DELANNE e BOZZANO, nitidamente adeptos de uma terceira teoria que admite tanto as teses fluidistas como animistas, acrescentando a influência do elemento espiritual na explicação dos fenômenos.

Com as conclusões das comissões o prestígio de MESMER declinou, porém havia deixado escola. Retirou-se da França, passou por toda a Europa, e por fim foi para a Suíça, onde viveu os últimos anos de sua vida. Com suas descobertas iria abrir o caminho não só para a Medicina Moderna, como para todas as ciências que lidam com a mente humana e a fenomenologia paranormal, tendo influenciado profundamente, segundo especialistas, a obra de FREUD.

²⁹ AIZPÚRUA, Jon. *Historia de la Parapsicología*. Universidade de Caracas, Venezuela, 1986.

³⁰ LANTIER, J. *O Espiritismo*. Coleções Esfinge. Edições 70, Lisboa 1971, p.28.

³¹ LANTIER, J. *O Espiritismo*. op. cit., p.27.

³² LANTIER, J. *O Espiritismo*. op. cit., p.28.

- ³³ DELEE, S. *Hypnotism in pregnancy and labor*. J.A.M.A., 159: 750-754, 1955.
- ³⁴ DAVIS, A. *Tratamento de las enfermedades por Hipnotismo y Sugestion*. Antônio Rocha Editor, Barcelona, s.d.
- ³⁵ TEIXEIRA, P.C. *Homeopatia x Alopacia ou Vitalismo x Materialismo*. Verso Editora, São Paulo, 1985.
- ³⁶ PASSOS, A.M. *Aspectos atuais da Hipnologia*. Linográfica Editora, São Paulo, 1961.
- ³⁷ PASSOS, A.M. *Aspectos atuais da Hipnologia*. op. cit.
- ³⁸ LANTIER, J. *O Espiritismo*. op. cit., p.29.
- ³⁹ VOLGYESI, E. *El alma lo es Todo*. Caralt Editor, Barcelona, 1956.
- ⁴⁰ MAXWELL. *Tratado de Medicina Magnética*. 1673, citado por PASSOS, A.M. op. cit.
- ⁴¹ PASSOS, A.M. *Aspectos atuais da Hipnologia*. op. cit.
- ⁴² Parece-nos muito convincente a tese de que as mais tradicionais práticas espíritas, tais como os passes magnéticos e o tratamento com água fluídica, tem sua origem na incorporação e assimilação de tais práticas mesméricas.
- ⁴³ AIZPÚRUA, Jon. *Historia de la Parapsicologia*. op. cit.
- ⁴⁴ PASSOS, A.M. *Aspectos atuais da Hipnologia*. op. cit.
- ⁴⁵ LANTIER, J. *O Espiritismo*. op. cit., p.30.
- ⁴⁶ A origem das salas de desobsessão, assim como a divisão da platéia por sexo, práticas ainda encontradas na maioria das instituições espíritas, também parece encontrar no Mesmerismo sua fonte inspiradora.
- ⁴⁷ Segundo LANTIER, J. *O Espiritismo*. op. cit., p.30, "*foi assim que se criou em pleno centro de Paris, com o encorajamento de altas personalidades do Estado, a mais insólita exploração médica que alguma vez se viu*".
- ⁴⁸ VAN PELT, S. *Hypnotism and the power within*. Fawcett Publications, New York, 1974.

MAGNETISMO, SONAMBULISMO E HIPNOSE

Na mesma época que MESMER, o padre GASNNER curava os enfermos por meio de imposição das mãos, pela palavra e pelo exorcismo.⁴⁹

Em 1784 o marquês de PUYSÉGUR (1751-1825), treinando-se em magnetizar os camponeses segundo os métodos mesmerianos, teve a surpresa de ver cair num sono de tipo des-conhecido um de seus aldeões que estava sendo tratado de uma enfermidade pulmonar. No decurso de seu sono magnético, o camponês respondia à perguntas, inclusive mentais, e podia diagnosticar e tratar enfermidades, sua e de outras pessoas, assim como adivinhar onde haviam sido escondidos alguns objetos, tudo isso sem as habituais crises histéricas. Apresentava, ainda, amnésia total ao acordar.

Havia descoberto o sonambulismo, e havia estabelecido uma conexão entre o magnetismo, o hipnotismo e a percepção extra-sensorial.⁵⁰ Publicou duas obras com suas conclusões: *"EL magnetismo animal"* (1809) e *"Investigaciones, experiencias y observaciones fisiológicas acerca dei hombre en estado de sonambulismo natural y provocado por la acción magnética"* (1811).⁵¹

O Marquês de PUYSÉGUR teve inúmeros seguidores e constituíram-se em Paris os primeiros círculos magnéticos.⁵²

Segundo LANTIER: *"estas pequenas sociedades transformar-se-iam, na sua maior parte, depois de acontecimentos muitos surpreendentes (mesas girantes), em círculos espíritas"*.⁵³ O entusiasmo pelo magnetismo, neste início de século era tão grande que a opinião pública levou o governo francês a retomar o processo de MESMER, sendo a Academia de Ciência, em 1826, intimada a pronunciar-se, concluindo e condenando, em primeira instância, o juízo proferido contra- MESMER, e em seguida, por pressão da

Igreja, que "*a pesquisa do magnetismo deveria ser encorajada, como um ramo muito curioso da psicologia e da história natural, mas não como terapêutica*".⁵⁴

Incidentes lamentáveis, preconceitos, e a própria impotência levaram a Academia de Medicina de Paris por proibir o uso do magnetismo em 1840, com as pesquisas sendo abandonadas pela ciência oficial.

A igreja condenava, porém muitos padres haviam tomado-se magnetizadores e, no campo, prestavam serviços como curandeiros. O Santo-Ofício desencadeou inúmeros inquéritos contra magnetizadores, condenando seus poderes diabólicos que os arrastavam para fora dos *caminhos da moral*.

Em 1813 aparece em Paris o Abade FARIAS, adepto da teoria animista, que trouxe para a Europa os conhecimentos do magnetismo oriental.⁵⁵ Explicou os fenômenos do magnetismo no sentido atual da sugestão, esclarecendo que o sono magnético não deriva de qualquer fluido ou força especial emitida pelo magnetizador. FARIA se iniciou nas práticas magnéticas do Marquês de PUYSÉGUR, e atribuiu-se seus êxitos também à estatura e a cor fortemente bronzeada da pele. Suas atividades de magnetizador eram conhecidas desde 1803, quando freqüentou os salões da Marquesa de CRISTINE. Continuou seus trabalhos e foi nomeado professor de Filosofia na Academia de Marselha, em 1811. Parece que neste ano foi considerado membro da sociedade médica, em virtude de suas práticas de magnetizador, embora não fosse médico.

Em Paris iniciou um curso público sobre o *sono lúcido*. Suas conferências tiveram grande repercussão, constando de exposição oral e demonstração prática do sonambulismo. Foi o primeiro a proclamar a tese da sugestão, não fazendo distinção entre o sono lúcido, o sonambulismo provocado e o sono natural. Tentou explicar através das teorias humorais os fenômenos do sonambulismo. Com ele nasce também duas idéias novas: a causa do sonambulismo não reside no magnetizador e sim no próprio sujeito e, a indução do sono

pela palavra *durma* sem o uso de gestos. Influuiu profundamente em BRAID.⁵⁶

No mesmo período o professor do Museu de História Natural de Paris, o fluidista Joseph P. DELEUZE (1753-1835) escreveu, reunindo tudo quanto se sabia a respeito, e acrescentou:

*"Creio firmemente em uma emanção de mim mesmo, porque seus efeitos se produzem sem que eu tome o sujeito magnetizado, e porque o que não existe não pode produzir nada. Desconheço a natureza desta emanção e não posso precisar a que distância pode estender-se, porém sei que é emitida e dirigida pela minha vontade, porque quando deixo de querer, deixo de fazer".*⁵⁷

E mais, a respeito dos requisitos para se magnetizar:

"O primeiro que se necessita para magnetizar é a vontade; o segundo, a confiança que em si mesmo tem o que magnetiza; e em terceiro, o operador deve estar animado pelo desejo de fazer o bem."

Fenômenos diversos foram descritos por DELEUZE e encontram-se resumidos na excelente e didática obra de JON AIZPÚRUA.⁵⁸

Em 1829, CLOQUET faz o primeiro relato da utilização do mesmerismo como anestesia, procedendo a amputação de uma mama, método já utilizado por DUBOIS (1797) e RECAMIER (1821).⁵⁹

Jean DU'POTET (1796-1881) foi outro experimentador francês que estudou a fundo as relações entre o sonambulismo magnético e as faculdades supra-normais, continuando a tradição de PUYSEGUR e DELEUZE, publicando "*Manual do estudante Magnetizador*", muito divulgado, e "*Tratado completo de Magnetismo Animal*".⁶⁰

Na Universidade de Londres, J. ELLIOTSON, professor de cirurgia, influenciou-se muito pelas demonstrações de JEAN DU POTET, iniciando suas próprias experiências e com elas os atritos com os colegas, que acabaram desencadeando a proibição da prática do mesmerismo em 1838, levando ELLIOTSON à renúncia da cátedra. Continuou, entretanto, a praticar o mesmerismo e, em

1843, com um grupo de simpatizantes, publicou um jornal à fisiologia cerebral e ao mesmerismo, o "*Zoist*", que saiu regularmente de 1843 à 1855, figurando entre as publicações amputações de coxas, pernas, e partos, realizados sem dor, durante transe mesmérico.⁶¹

Como resultado da influência do "*Zoist*", vários hospitais mesméricos foram fundados em Londres e na Europa, como em Exeter, onde PARKER fez 200 cirurgias sem dor e mesmerizou 1200 pessoas.⁶²

James ESDAILLE (1808-1959) tornou-se um dos maiores magnetizadores, inspirado nas técnicas de ELLIOTSON, Cirurgião, trabalhou num hospital mesmérico em Calcutá, Índia, onde realizou milhares de pequenas cirurgias e 300 de grande porte sem dor, pelo magnetismo, com diminuição impressionante dos índices de mortalidade. Não empregava a sugestão verbal, mas o passe e a insuflação magnética, obtendo estados profundos de letargia, catalepsia, sonambulismo e insensibilidade. Concluiu que:

*"o mesmerismo é uma força natural do organismo humano, que afeta diretamente o sistema nervoso muscular; que a administração crônica do mesmerismo atua como um utilíssimo estimulante da debilidade funcional; que a água pode ser carregado com fluído magnético e tem um poderoso efeito sobre o sistema; que a influência mesmérica pode se transmitida através do ar a considerável distância".*⁶³

Em 1830, Justinus KERNER (1786-1862), notável e respeitado médico alemão publicou o livro "*La Voyante-de Prevorst*", no qual relata as notáveis experiências que teve com a sonâmbula Frederica HAUFFE durante 3 anos, que entrava em transe sonambúlico todos os dias às 7 horas, quando identificava metais escondidos dentro de caixas, via fantasmas, fazia predições controladas e confirmadas pelo Dr. KERNER e equipe, e indicou o próprio tratamento por passes magnéticos. Esta obra, segundo AIZPÚRUA⁶⁴ "*antecipou em*

várias décadas o que veio a ser estudado pelo hipnotismo, espiritismo e pela parapsicologia".



Franz Anton MESMER
(1734-1815)

⁴⁹ KAECH, R. *Mesmer e magnetismo animal*. Rev. Psicol. Norm. Pato 3: 589-625, 1957.

⁵⁰ AIZPURUA, Jon. op. cit.

⁵¹ PYUSÉGUR. citado por AIZPÚRUA, Ion. op. cit.

⁵² Esta é, em nossa opinião, uma das evidências de que o fenômeno de Hydesville e o das mesas girantes não deva ser considerado o marco histórico do surgimento do Espiritismo. A seguir sustentaremos que a incorporação de uma série de práticas do magnetismo sejam os mais fortes indícios de nossa afirmação.

⁵³ LANTIER, J. op. cit., p.38.

⁵⁴ PASSOS, A.M. op. cit.

⁵⁵ VOLGYESI, E. op. cit.

⁵⁶ MONIZ, E. *El Abade Farias en la Historia de la Hipnosis*. Editorial Poblet, Buenos Aires, 1960.

⁵⁷ DELEUZE. *História crítica do Magnetismo Animal*. citado por PASSOS, A.M., op. cit.

⁵⁸ AIZPÚRUA, Jon. op. cit.

⁵⁹ KROGER, W. *Introdution and Supplementary Reports. In: Hipnosis in Medicine and Surgery*, The Work oi James. Esdaile, New York, 1967.

⁶⁰ AIZPURUA, Jon. op. Cit.

⁶¹ BRAMWELL, 1. *Hypnotism, its History, Practica and Theory*. The Julian Press, New York, 1956.

⁶² Ressalta-se que até então inexistiam mecanismos de analgesia e que o impacto social e humanitário que a incorporação de uma nova técnica de tal monta produziu foram imensuráveis.

⁶³ ESDAILLE J. *Cirurgia mayor e menor bajo hipnosis*. Ed. Crespilil Buenos Aires, 1959.

⁶⁴ AIZPÚRUA, Jon. op. cit.

O HIPNOTISMO

Em 1841, James BRAID, cirurgião em Manchester, foi assistir a uma demonstração do magnetizador suíço LA FONTAINE, que tivera violenta oposição da igreja na Itália, mas fora estimulado, em audiência especial pelo próprio Papa PIO IX⁶⁵. Queria desmascará-lo, pois o considerava charlatão. Achou a primeira demonstração um insulto à inteligência científica,⁶⁶ não resistindo, porém, a curiosidade de assistir a outras demonstrações. Na segunda vez, convenceu-se da realidade de uma catalepsia ocular, induzido em um seu amigo.

Ansioso para descobrir a causa fisiológica dos fenômenos observados, uma vez que não aceitava as explicações do magnetizador, elaborou através da observação, hipótese de que o sono era determinado pela fadiga dos olhos, experimentando o processo com amigos, aos quais ordenava que olhassem fixamente um objeto. Em todos os casos foi capaz de produzir um sono (estado) semelhante ao transe, chegando a conclusão de que os fenômenos eram puramente subjetivos.

Em 1842 publica um trabalho onde aparece pela primeira vez o termo hipnose, como estado ou condição de sono nervoso, e hipnotizador, como aquele que induz o sono nervoso, e hipnotismo.

BRAID, como tantos outros, pensou que a hipnose fosse uma forma de cansaço do olho espiritual. Convenceu-se logo depois, da desnecessidade do sono para os principais fenômenos hipnóticos (catalepsia, anestesia e amnésia) e do papel primordial da sugestão verbal.⁶⁷ Tentou, então, mudar o nome que criara, mas a palavra estava consagrada e até hoje permanece.⁶⁸

BRAID, WARD e BROCCA, publicaram milhares de casos cirúrgicos operados sem dor através da hipnose. Apareceram ainda os trabalhos de CARPENTER, CUMES e do Barão REICHEMBACH, que descreviam o fluido magnético com o nome de força ódica. Na França, PHILLIPS apresentou a teoria do eletrodinamismo vital. Apareceram as primeiras

observações de Azim sobre o desdobramento da personalidade. Foram publicados livros de STWART, LIEBEAULT e LASEGUE sobre a catalepsia provocada em casos de histeria.⁶⁹

LIEBEAULT, médico francês, que acrescentou ao método de BRAID a sugestão verbal, e que desde 1848 interessava-se pelo magnetismo, abriu em 1854, em Nancy, um dispensário gratuito para tratar os pobres por meio do hipnotismo. Chama, através da cura de um determinado paciente, a atenção de BERNHEIM, famoso professor da Faculdade de Medicina de Nancy, que se converte, tornando-se seu grande amigo e criando a famosa Escola de Nancy.⁷⁰

Charles RICHET foi também um grande adepto da hipnose, influenciando profundamente CHARCOT, que desenvolveu suas atividades na Salpêtrière, fundando a chamada Escola de Paris. Acreditava que hipnose, magnetismo e histeria eram sinônimos. Esteve muito mais ligado ao mesmerismo que ao hipnotismo e era fluidista. Fez a primeira classificação científica da hipnose.⁷¹

A *Escola de Paris*⁷² acreditava que os fenômenos estudados eram sinônimos de uma mesma condição, sendo a hipnose e os fenômenos magnéticos, uma forma de histeria que poderia ser induzida em certos indivíduos constitucionalmente predispostos. Por outro lado, estavam mais ligados ao magnetismo que ao hipnotismo, e admitiam que a influência magnética era real. Consideravam a letargia, a hiper-excitação neuromuscular, como único fenômeno notável, e disto se serviam para mostrar que não havia simulação. Tiveram sempre a preocupação de estudar fenômenos objetivos, de verificação mais simples, e se desinteressavam pelos da sugestão.

A Escola de Nancy,⁷³ considerava a sugestão um fator de real importância, pois no estado normal toda idéia é questionada, e como conseqüência, aceita ou rejeitada. No estado magnetizado, porém, há uma tendência peculiar para transformar a idéia sugerida em ato, e isto é feito tão rapidamente que a inibição intelectual não tem tempo de atuar; assim, as sugestões se tornam às vezes de tal modo vivas e acentuadas que chegam a se converter em alucinações. Criticava a de Paris precisamente pelo fato desta não levar em consideração o

papel da sugestão nas experimentações que realizava em suas enfermarias, utilizando-se, apenas, de pacientes histéricas e esquecendo-se que os fenômenos, podiam se reproduzir por imitação.

Importa salientar que o advento das gloriosas Salpêtrière e Nancy, que atingiram o máximo de seu esplendor em fins do século passado, quando nelas pontificava os grandes CHARCOT e BERNHEIN, tiveram o grande mérito de atrair a atenção de todos para o estudo do consciente e das suas relações com o subconsciente e inconsciente. Imprimiram novas diretrizes ao estudo do psiquismo humano, alargando extraordinariamente o campo das observações e pesquisas, no propósito de melhor penetrar e conhecer os mistérios que ainda cerceiam o pensamento humano e os fatores que contribuem, tanto para perturbá-lo, como para curá-lo.

Em 1887, o Coronel DE ROCHAS publicava seu primeiro livro reforçando o magnetismo e seus discípulos na convicção com a divulgação de impressionantes casos de crianças e jovens elétricos.

BREUER (1880) descobriu o tratamento hipnótico nas *emoções reprimidas* (técnica de liberação de sentimentos reprimidos associados a memória traumática). Atraiu a atenção de FREUD, que com ele publicou em 1895 o "*Studien uber Hysterie*". FREUD esteve em Paris em 1885 observando CHARCOT, em 1889 em Nancy com LIÉBAULT e BERNHEIN. Entretanto, cedo abandonou a hipnose em favor do método por ele criado da livre associação.⁷⁴

⁶⁵ VAN PELTS, S. op. cit.

⁶⁶ GINDES, B. *New concepts of Hypnosis*. The Julian Press, New York, 1965.

⁶⁷ PASSOS, A.M. op. cit.

⁶⁸ VAN PELTS, S. op. cit.

⁶⁹ PASSOS, A.M. op. cit.

⁷⁰ PASSOS, A.M. op. cit.

⁷¹ MILECHNIN, A. *La hipnosis*. Libreria Hachette. Argentina, 1961.

⁷² PASSOS, A.M. op. Cit.

⁷³ MILECHNIN, A. op. Cit.

⁷⁴ MILECHNIN. A. op. cit.

O DECLÍNIO DO MAGNETISMO

Quando abordamos o desenvolvimento histórico das ciências médicas e a assimilação do papel curativo, descritos no início de nosso trabalho, procuramos demonstrar importantes aspectos relacionados ao cenário e aos diferentes sujeitos, coletivos ou não, que fomentaram o surgimento e o declínio de Magnetismo (e de certa forma também do Vitalismo) junto aos homens de ciência.

Entre os fatores mais importantes que contribuíram para o declínio do magnetismo no final do século XIX, destacamos o desenvolvimento, em primeiro lugar da anestesia e das descobertas de PASTEUR, e em segundo lugar, porém sem menor importância, do desenvolvimento de técnicas psicoterápicas advindas com as descobertas de FREUD, bem como sua atitude em relação ao Magnetismo e a Hipnose.

O trato com a doença sofreu uma *pasteurização* no que diz respeito ao hospital psiquiátrico e a prática em relação à doença mental.

A *despsiquiatrização*, movimento de reação à produção de doenças, ao uso de pacientes histéricos, ao processo questionável da sugestão, que tinha em CHARCOT seu grande representante, entrava em processo de questionamento intenso. Redimensionou-se o trato com a saúde e o doente mental. A Psicanálise não deixou de ser uma forma de *despsiquiatrização* que surgiu provocada pelo trauma do magnetismo, que consistia, no dizer de FOUCAULT: "*na retirada para fora do espaço asilar, a fim de apagar os efeitos paradoxais do sobre-poder psiquiátrico, colocando a noção de transferência como processo essencial à cura, e a contrapartida financeira, como forma de não possibilitar uma retomada da estrutura de poder anterior*".⁷⁵ Ressalta-se também o desenvolvimento da psicofarmacologia, constituindo escola adversa

da psicanalista, mas tão importante quanto na reação que estamos denominando *despsiquiatrização*.

Nestes novos tempos de racionalismo científico, a exploração cada vez mais frequente dos fenômenos do Magnetismo e Hipnotismo nos palcos, nos circos e nas reuniões de entretenimento, acentuaram-lhe as características de charlatanismo, magia e até ocultismo, que lhe pesavam nos ombros, desde os tem-pos de MESMER, constituindo-se em outro importante fator para a rejeição do Magnetismo e das ciências correlatas, entre as quais o próprio Espiritismo.

Outro aspecto que deve ser analisado é a relação importante existente entre Magnetismo e Espiritismo, e depois, a hipnose e a parapsicologia. Muitos adeptos da teoria fluidista acabaram aderindo ao Espiritismo. Muitos foram compor as fileiras da Metapsíquica e depois da Parapsicologia, sendo o Magnetismo, objeto de análise e pesquisas das sociedades de investigação psíquica que floresceram na Europa e Estados Unidos, após a década de 60 do século passado. Perfilaram nomes, citando talvez os mais expoentes entre os que pertenceram as referidas sociedades de pesquisa, tais como: WALLACE, MORGAN, V ARLEY, CROOKES, VISCONDE DE ADARE, BARRET, MYERS, GURNEY, SIDWICK, PODMORE, HODGSON, HYSLOP, e entre os Metapsiquistas destacamos GELEY, RICHET, MEYER, SUDE e OSTY.

Mais do que a perda de quadros para os novos movimentos espiritista e metapsiquista, parece-nos que o Magnetismo esgotava-se enquanto modelo teórico e prático, sendo superado pelos movimentos congêneres que surgem no século XIX que incorporam parcialmente seus conceitos e práticas.⁷⁶

Não havia mais espaço para a mística ação magnética, principalmente nos asilos e hospitais de caridade. O Magnetismo, quando estudado, passaria a ficar restrito a esse grupo de cientistas e homens de pesquisa. Pelo menos no que diz respeito à prática do Magnetismo curador, não havia mais espaço frente a ciência oficial.

Mesmo assim, segundo conta LANTIER,⁷⁷ em 1892 foi criada por uma espírita eminente uma escola prática de magnetismo e de massagem, admitida pelo governo francês. Frente a reação dos médicos, um novo projeto sobre o exercício da medicina foi discutido pelo Parlamento, levando os espíritas, magnetizadores, curandeiros e massagistas a fundarem um sindicato, conseguindo vinte e cinco mil assinaturas favoráveis à sua petição em defesa de seus interesses. Em função de vários processos contra curandeiros, espíritas e magnetizadores, e particularmente num caso envolvendo Mouroux em 1896, o Congresso Internacional Espírita que se realizou em 1900 em Paris, discutiu e deliberou que o Magnetismo realmente possui propriedades curativas e a eficácia de sua utilização para o tratamento das doenças sem qualquer perigo e solicitando a alteração da legislação sobre o exercício da medicina.

Seja como for, a teoria do magnetismo animal foi e continuou a ser, do final do século XVIII até meados do século XIX, a mais avançada para explicar os fenômenos paranormais e, na ocasião, para os provocar. Foi no seio dos movimentos interessados pelo Magnetismo que surgiu a extraordinária aventura do Espiritismo,⁷⁸ constituindo-se em nosso entendimento em seu marco inicial pelo menos no tocante as suas ticas mais tradicionais, excetuando-se a mediúnica.

⁷⁵ FOUCAULT, Michel. op. Cit.

⁷⁶ O passe, a câmara de passe, a música magnetizante no ambiente, a água fluídica, a divisão da assistência em lugares distintos por sexo, a incorporação de temas como sonambulismo, êxtase, dupla vista, letargia e catalepsia, etc, e principalmente a incorporação da mentalidade assistencial-curativa na prática espírita e de outras doutrinas e religiões espiritualistas e místicas corroboram esta afirmação.

⁷⁷ LANTIER, J. op. cit., p.17.

⁷⁸ LANTIER, J. op. Cit.

MAGNETISMO, O ESPIRITISMO E KARDEC

Deliberadamente procuramos não fazer referência até aqui a Hippolyte León Denizard RIVAIL. Muitos de seus biógrafos destacam-no como grande magnetizador, o que todavia, não pode ser confirmado em nosso trabalho de pesquisa realizado obras de cunho não espírita.

Porém é KARDEC mesmo que se mostrará familiarizado com as coisas do Magnetismo. Em 1854, por ocasião de sua fatídica conversa com CARLOTII,⁷⁹ diz não entender nada de espíritos, "*mas estar muito familiarizado com os segredos do magnetismo animal, como partidário convicto das teorias de Mesmer*". Sua primeira hipótese para explicar os fenômenos das mesas girantes, era o magnetismo, é bom lembrar.

Na Introdução de sua obra basilar, "*O Livro dos Espíritos*",⁸⁰ KARDEC refere-se ao Magnetismo, ao lado da teoria do meio-ambiente e a espírita, como as únicas que se apoiavam em teorias racionais para explicar os fenômenos espíritas. Explica que para o magnetismo as manifestações atribuídas aos espíritos seriam apenas efeitos magnéticos.

"Os médiuns ficariam num estado que se poderia chamar de sonambulismo acordado, fenômeno co-nhecido de todos que estudaram o magnetismo. Neste estado as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal, os círculos de percepção intuitiva se ampliam além dos limites de nossa percepção ordinária(...) Não seremos nós quem contará o poder do sonambulismo, cujos prodígios presenciamos, estudando-lhe todas as facetas, durante mais de 35 anos(...) Concordamos que, de fato, muitas manifestações espíritas podem ser explicadas por esse meio".⁸¹

Na verdade, a formação intelectual do jovem prof. RIVAIL, eclética e realizada no círculo intelecto-cultural de então, é marcada por um ambiente de grande efervescência de idéias. "*Bacharel em Ciências e Letras, doutor em Medicina, tendo feito todos os estudos médicos e brilhantemente defendido tese*", segundo um dos seus biógrafos, SAUSSE⁸², e tendo feito "*estudos especiais de Anatomia, ensinando essa matéria, como outras de ciências físicas e naturais*".⁸³ KARDEC inegavelmente efetuou estudos e vivenciou os fenômenos magnéticos, o que o enquadra no grupo de magnetistas, mas não no de magnetizadores como muitos insistem.

Em 1858, nas páginas da "*Revista Espírita*", reflete:

*"O magnetismo preparou o caminho para o Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das idéias acerca da primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal, que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar de outro".*⁸⁴

No mesmo ano, KARDEC comenta que certos magnetistas ainda não admitiam a existência ou, pelo menos, a manifestação dos Espíritos; pensavam, diz ele:

*"que podem tudo explicar só pela ação do fluido magnético. Nós mesmos a partilhávamos a princípio; mas como tanto outros, tivemos que nos render as evidências dos fatos. Ao contrário, os adeptos do Espiritismo são todos concordes com o Magnetismo, todos admitem sua ação e reconhecem nos fenômenos sonambúlicos uma manifestação da alma." Meses depois, lamenta que "certos magnetistas ridicularizavam o Espiritismo, usando até represálias, para com essa ciência irmã que só pode prestar ao magnetismo um apoio salutar".*⁸⁵

Sobre a importância dos adeptos do magnetismo nos quadros do movimento espírita de sua época, KARDEC, em artigo intitulado "Estatística do Espiritismo", coloca os magnetistas em primeiro

lugar, ao lado dos médicos homeopatas, entre os profissionais liberais adeptos do Espiritismo, e comenta:

"Se os magnetistas figuram na primeira linha, logo após os homeopatas, malgrado a perseguição persistente, e por vezes acerba de alguns, é que os oponentes não formam senão uma pequeníssima minoria ao lado da massa dos que são, pode-se dizer, espíritas por intuição".

Segundo este artigo, para KARDEC a oposição entre os magnetistas ficaria na proporção de 2 a 3 %, e seria maior em Paris do que em outros lugares. E continua:

"O Magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e explicam uma pela outra, e das duas, a que não quer imobilizar-se não pode chegar ao seu complemento sem se apoiar na sua congênera. Em todos os tempos os magnetistas se dividiram em 2 grupos: os espiritualistas e os fluidistas. Estes últimos, muito numerosos, pelo menos fazendo abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, atribuindo tudo à ação do fluido material, estão por consequência, em oposição de princípios com os espíritas"⁸⁶

KARDEC enfrentava grandes obstáculos em seu relacionamento com a vertente materialista das academias; com a Igreja e até mesmo entre aqueles, a quem procurava aproximar-se, como era o caso dos magnetistas.

É nas páginas da "*Revista Espírita*", ainda, que ele explicita seu íntimo relacionamento com os magnetistas, muito em parte construído em tempos anteriores na militância, nos círculos magnéticos e acadêmicos. Homenageou o Barão DU POTET, diretor do *Journal du Magnétisme*, o Sr. MILET, diretor da *Unión Magnétique*, e os pioneiros Marquês de PUYSEGUR e DELEUZE, pela dedicação com que lidaram ao magnetismo⁸⁷, "*ao qual o Espiritismo se liga por laços íntimos, como ciências solidárias*".

Lembra que o Marquês, modificando os métodos de MESMER criou o magnetismo animal (sonambulismo provocado), juntamente com D'ESLON e o naturalista DELEUZE, bibliote-cário do Jardim das Plantas.

Em certa oportunidade, por ocasião do aniversário de MESMER, foi convidado para banquetes oferecidos por diferentes grupos de magnetizadores, que se dividiam em escolas, e portanto, concepções diferentes do próprio Magnetismo. Em artigo na Revista,⁸⁸ agradeceu aos convites, enalteceu à todos, confessou novamente que há 35 anos profetizava a ciência magnética. E aceitou o convite do Dr. DUPLANTY, líder da Escola Animista, em detrimento dos convites feitos por outras escolas, entre os quais o da Escola Mesmeriana ou Naturalista, dirigida pelo Barão DU POTET e que congregava entre outros, ROUSTAN, R, JAPHET. Alguns de seus biógrafos⁸⁹ o incluíram nesta escola. Porém, as evidências nos levam a crer que c mantinha relações com as várias escolas, sem aparente cerrar fileiras por nenhuma, na ferrenha batalha que travam entre si.

Os magnetizadores de sua época tendiam para os trabalhos de cura, diagnose e terapêutica. Mas também estudaram vários fenômenos catalogados como metapsíquicos e parapsicológicos, como ação à distância, visão através de corpos opacos, clarividência, premonição e outros. Parece-nos que KARDEC seguia essa orientação apesar das divergências.

KARDEC abria as páginas da Revista para as conquistas científicas do Magnetismo e do Hipnotismo. Em 1860,⁹⁰ por exemplo, disserta sobre como o magnetismo oficializava-se enquanto ciência através da hipnose, após 20 anos de espera, via analgesia (hipnoanalgesia). Em tom idealista, mesmo romântico, comemora o passo. Mas com a seriedade que o caracterizou, adverte: "*É uma primeira barreira derrubada, eis tudo*".

Reproduz neste artigo interessante matéria publicada na revista científica *Siécle*, de 1859, onde consta as experiências do Dr. Paul

BROCCA, 20 anos após o hipnotismo ser descoberto por BRAID, que grande repercussão alcançaria na França e em toda a Europa.

O magnetismo, enquanto doutrina e prática experimental, permeou toda a obra da Codificação do Espiritismo. Dos casos estudados e relatados, saíram muitos conceitos teóricos e perquirições elaboradas *a posteriori*, com os espíritos. Esses estudos não se reduzem a notícias e artigos publicados "*Revista Espírita*".

Sobre o magnetismo KARDEC dedicou dois capítulos do "*Livro dos Espíritos*", tratando do sono e os sonhos, da transmissão do pensamento, da letargia, catalepsia, morte aparente, sonambulismo, êxtase, dupla vista, poder oculto, talismã e feitiços, aos quais retomou em "*A Gênese*", anos após.⁹¹

Em "*O Livro dos Médiuns*"⁹², encontramos o magnetismo permeando toda a obra, ora como hipótese, ora como objeto de aplicação prática comparada, ou mesmo confundindo-se com os fenômenos espíritas. Em "*Obras Póstumas*" foram compilados alguns capítulos sobre o estudo do magnetismo.

KARDEC polemizava com muita determinação. Conquistou muitos inimigos e exaltou ânimos de seus adversários ao abordar questões como as das curas por meio da prece e imposição de mãos. Questionava muito a taxação de exercício ilegal da medicina e charlatanismo, a que eram impostos os adeptos tanto do magnetismo, como do Espiritismo.

A respeito da Homeopatia, Alopatria e Fluidoterapia, dizia: "*São 3 ramos da arte de curar, destinados a se complementar e se completar, conforme as circunstâncias, mas dos quais, nenhuma tem o direito de se julgar a panacéia universal do gênero humano*".⁹³

KARDEC, e posteriormente seus principais seguidores - DENIS, FLAMMARION, BOZZANO, DELANNE, LOMBROSO e outros - utilizaram o Magnetismo como objeto de análise e estudo, procurando classificar os fenômenos e explicá-los, dando-lhes leis.

Concluimos com palavras de KARDEC, em "*O Livro dos Espíritos*":

"O Espiritismo e o Magnetismo nos dão a chave de uma infinidade de fenômenos sobre os quais a ignorância tece muitas fábulas, em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento dessas duas ciências, que se resumem numa só, é o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque revela o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de crença ridícula."



James Braid
(1795-1860)

⁷⁹ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. FEB, Rio de Janeiro, 1978.

⁸⁰ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. FEB, Rio de Janeiro, 1984, item XVI.

⁸¹ KARDEC, Allan.:*O Livro dos Espíritos*. op. cit..

⁸² SAUSSE, Henri. citado por WANTUIL, Z. *Meticulosa Pesquisa Bibliográfica*. FEB, Rio de Janeiro, 1 vol.

⁸³ KARDEC, Allan: *Revista Espírita*. Edicel, São Paulo, v.1859, p.92

⁸⁴ KARDEC, Allan: *Revista Espírita*. Edicel, São Paulo, v.1858, p.92-182.

⁸⁵ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. 1858, p.92-182.

⁸⁶ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. 1869, janeiro.

⁸⁷ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. 1858, p.92-182.

⁸⁸ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. 1858, p.92-182.

⁸⁹ ABREU, Canuto. *O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária*. Jornal Unificação, São Paulo, 1957.

⁹⁰ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. 1860, janeiro.

⁹¹ KARDEC, Allan. *A Gênese*. FEB, Rio de Janeiro, cap. XIV, XV.

⁹² KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. FEB, Rio de Janeiro.

⁹³ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. 1868. Proporção Relativa dos Espíritos.

III

VITALISMO

ORIGEM E TRAJETÓRIA DO VITALISMO

O Vitalismo é a doutrina segundo a qual *"os seres vivos são dotados de uma força particular em si mesmos, a força vital, irreduzível à físicoquímica, e que dá origem aos fenômenos vitais"*.

Essa definição bastante genérica, embora exata, nos faculta uma visão ampla do Vitalismo, como escola filosófica, permitindo-nos incluir, sob esta denominação, uma extensa lista de doutrinas, teorias e hipóteses pertinentes à concepção idealista da vida.

O Vitalismo também pode ser definido como *"a doutrina filosófica-científica, segundo a qual os fenômenos vitais são regulados e dirigidos por um princípio ou força vital, distinto não só da alma pensante como das propriedades físico-químicas do organismo"*⁹⁴.

Por certo muitas outras denominações seriam possíveis, embora pouco viessem acrescentar ao nosso entendimento sobre a questão. Melhor será percorrer, num breve histórico, a construção do antigo edifício do Vitalismo, procurando conhecer o que deixaram os grandes pensadores que criaram filosofias e teorias científicas a respeito, enfeixando em conceitos variados a uniformidade da manifestação da vida.

Onde situar a origem do vitalismo?

Ele parece surgir com o mais antigo tratado de ciências médicas e biológicas que se tem conhecimento, o Nei King, atribuído ao imperador HOANG TI, da dinastia Han escrito há aproximadamente 500 anos a.C. O livro resume quase todos os pensamentos filosóficos da China Antiga: confucionismo, escola cosmológica do *Ying* e do *Yang*, os cinco elementos e o taoísmo, bem como conhecimentos detalhados de anatomia, fisiologia, acupuntura, chegando até mesmo a descrever o trajeto da energia nos meridianos. Esta obra é fruto da observação e experimentação, onde se somam as diversas correntes de pensamento da época para fundar sua própria doutrina sobre a energia vital.⁹⁵

Segundo o Nei King, a vida permanece enquanto a energia se integra ao organismo; quando esta deixa o corpo, a vida chega ao seu fim. E mais, a perturbação das energias cósmicas e como consequência a perturbação da energia humana, é a causa de todas as moléstias. A união das duas energias, *Ying* e *Yang*, cria uma unidade, cujos maiores inimigos são a surmenage, os desejos excessivos e as emoções fortes.

HIPÓCRATES de Cós (460a.C.),⁹⁶ admitia no homem e nos animais uma natureza que agia instintivamente, que fazia crescer e nutrir todas as coisas vivas; admitia um princípio de ação, que seria a alma, a qual atuaria através do cérebro, sobre todo o organismo.

HIPÓCRATES não separou força vital da alma, ambas constituindo-se, para ele, um só princípio. Dizia que a alma é um sopro (pneuma), uma espécie de éter universal expandindo em toda a natureza, desempenhando as mais diversas funções necessárias para a vida do corpo. Explica, porém, que esta divisão indicaria três funções principais de uma só alma, isto é, a razão, a emoção e a vida animal.

ARISTÓTELES dizia que o essencial a todas as almas seria o princípio da vida nos corpos naturais vivos. A alma é este princípio interno, que é a causa da vida. Todo aquele que possui uma alma é um ser vivo. A alma para ele é uma substância e existem três tipos

de substâncias: a matéria, a forma e o composto. Trata-se de saber de qual natureza é a alma. Por matéria, compreendia ARISTÓTELES,⁹⁷ aquela que em si não é determinada, que recebe os contrários e que não está senão em potência. Por forma, aquilo que faz que um ser seja aquilo que é e não outro. Por composto o corpo natural, resultante da forma e da matéria, o próprio animal. Sua filosofia predominou por muitos e com muitos seguidores e compreende, por fim, a alma enquanto essência, causa, como o fim.

PLOTINO, da escola de Alexandria, ensinava que a vida é idêntica a alma; a alma tem por essência a vida e dá vida ao corpo que anima, possuindo a vida por si mesma.

Santo AGOSTINHO dizia que a alma que pensa é a mesma alma que anima e adoece o corpo. Para ele o corpo não era uma prisão da alma, mas seu instrumento.

Na Idade Média, São TOMÁS DE AQUINO, discutindo a unidade ou pluralidade da alma, opta por uma alma única, racional e responsável também pela manutenção da vida e dos fenômenos vitais, reconhecendo também uma função vivificante na mesma.

Na Renascença, Paulus VENETUS admitia para o homem não somente duas almas, a sensível, que é corruptível e a racional, imortal, mas também várias almas vegetativas presidindo às diversas partes do corpo.

Já Theophrastus Bombastus Von HOHENHEIM, no século XVI, também conhecido como PARACELSO, admitia princípios ativos de organização e de vida expandidos dos elementos dos minerais e dos vegetais, espírito *anima*; ou arques nos animais. No homem, abaixo da alma racional, ele coloca um grande número de arques igual ao número de órgãos distintos e de funções particulares da vida. Para o grande alquimista,⁹⁸ o homem deveria penetrar "*nas forças invisíveis que fazem atuar a matéria visível*".

Iniciava-se o confronto entre o vitalismo e o cartesianismo racionalista a partir não apenas de conceitos, mas de 18 próprios princípios de investigação.

VAN HELMONT, influenciado por PARACELSO, afirmou uma alma sensível e perecível semelhante a flama, que a cada instante se consome e pode extinguir-se, governando o corpo. Elaborou um arqueu central presidindo a todo o organismo e secundariamente arqueus particulares que presidem a cada função particular, até certo ponto independentes.⁹⁹

Segundo Zohar e a Kabala, cujas doutrinas exerceriam então uma certa influência no pensamento da época, o homem compreende-se de: um espírito, o grau mais elevado de seu ser; uma alma, sede do bem e do mal; e um espírito mais grosseiro imediatamente em relação com o corpo e coordenando-o.¹⁰⁰

BACON e GASSENDI acreditavam no duplo dinamismo, ou seja, que à alma racional do homem deve juntar-se uma segunda, de natureza inferior, para governar o corpo (comum aos animais inferiores).

Descartes viu que a espiritualidade é uma verdade de observação imediata, contida no seu aforismo: *cogito, ergo sum*. Para ele, é do pensamento consciente em si mesmo que se faz a essência da alma. Portanto, a alma não poderia fazer nada que não fosse pensar e que não constituísse apenas puro pensamento. Havia para o pensador, um fogo ou princípio animador, uma espécie de princípio ou força vital mal definida, provavelmente propriedade da própria matéria.¹⁰¹

Na filosofia moderna, LEIDNITZ foi talvez, com sua tese das mônadas e harmonia preexistente, o maior animista. Para ele a alma era o princípio da vida e da organização em seu sentido mais geral. A alma atuaria só pela sua presença como força organizadora, como atividade, como energia vital.¹⁰²

Foi STHÀL quem se encarregou de refutar LEIDNITZ, não em essência, mas em sua forma de explicar o animismo. Não admitia a

hipótese da harmonia pré-estabelecida, dando ampla liberdade de atuação à alma sobre o corpo, atribuindo-lhe também, todos os movimentos vitais, semimecanismos intermediários. Combatia violentamente os iatroquímicos e anatomistas da época, achando que a redução do organismo nessas ciências não estava de acordo com a harmonia que deveria reinar na atuação da alma sobre o corpo.

Enquanto DESCARTES abria o caminho ao mecanicismo e ao quimismo com suas idéias, STHAL implantava, com ênfase, o animismo na Europa, principalmente na Alemanha. Por sua influência, floresceu no século XVIII a Escola de Montpellier. Seus mestres, SAUVAGE, GRIMAND e ROUSSEL, por volta de 1737 atacaram o mecanicismo em voga, via cartesianismo e ampliaram os conceitos vitalistas, admitindo um outro princípio que não a alma para dirigir todas as nossas funções, unido à ela, mas que não desfruta de seus atributos.¹⁰³

Na verdade, a Escola de Montpellier, tão influenciada por STHAL, acabou distanciando-se do grande mestre animista.

Com BARTHEZ realizou-se um esforço mais completo para operar o desejado divórcio entre o animismo e o vitalismo. As idéias de BARTHEZ constituíram o símbolo médico e filosófico da Escola de Montpellier. Segundo BARTHEZ, os atos atribuídos a estas forças diversas que atuam no organismo vivo, não são nem isolados, nem independentes, nem encadeados uns aos outros de uma maneira necessária; mas são regras, dirigidas, dispostas para um mesmo fim e seguindo as necessidades que nascem e que mudam a todos os momentos. Estes depende pois, de uma causa essencialmente única. A unidade, a individualidade do sistema, eis a grande contribuição de BARTHEZ, a grande unidade do princípio vital: "*...eu chamo princípio vital. causa que produz todos os fenômenos da vida no corpo do homem*".¹⁰⁴ A polêmica entre BARTHEZ e STHAL se situou no ponto onde ele achava impossível que o princípio vital fosse uma faculdade da alma.

Na Alemanha, HUFELAND e BLUMENBACH foram os maiores seguidores de BARTHEZ. FRJEDRICK, iniciador do Vitalismo alemão, dizia que o ser do homem era composto por uma alma espiritual, uma força vital e um corpo material. E mais, que a vontade da alma só poderia atuar sobre o corpo por intermédio da força vital.



**Theophrastus Bombastus
Von HOHENHEIM ou
PARACELSO (1493-1541)**

⁹⁴ RIBEIRO, C.A.M. *O Vitalismo*. Rev. Similia, São Paulo, s/d, 0.9.

⁹⁵ SAM, M. *Tratado de Medicina Chinesa*. Coquemard, Lisboa, 1957.

⁹⁶ DURANT, W. *História da Civilização*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1954.

⁹⁷ CASTIGLIONE, A. *História da Medicina*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1954.

⁹⁸ RUSSEL, B. *História da Filosofia Ocidental*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1977, 3 vol.

⁹⁹ CASTIGLIONE, A. op. cit.

¹⁰⁰ CASTIGLIONE, A. op. cit.

¹⁰¹ RUSSEL, B. op. cit.

¹⁰² RUSSEL, B. op. cit.

¹⁰³ CASTIGLIONE, A. op. cit.

¹⁰⁴ RUSSEL, B. op. cit.

HAHNEMANN E O VITALISMO

Surge no século XVIII a concepção da existência de uma força vital renovadora do organismo. O Vitalismo toma novamente força e sua influência no mundo das ciências se estenderá até o início do século seguinte, chegando com sua concepção de *força vital* à biologia, medicina, filosofia e encontrando na figura de HAHNEMANN seu mais claro expoente. É ele quem vai fazer do princípio vital um sistema científico diferente, não especulativo, mas sim, baseado em experiências, pretensamente aplicando ao Vitalismo o rigor científico que sua época exigia.

Pela análise das escolas do passado, fica-se com a nítida impressão que HAHNEMANN inspirou-se em HIPÓCRATES e em BARTHEZ para conceber seu Vitalismo. Nos parágrafos do *Organon*, ele trata da força vital, dando-nos precisos e práticos conceitos sobre a mesma:

*"No estado de saúde, a força vital imaterial que dinamicamente anima o corpo material, reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão que reside em nós, possa livremente dispor deste instrumento vivo e são para atender os mais altos fins de nossa existência"*¹⁰⁵

*"O organismo material, destituído de força vital, não é capaz de nenhuma sensação, nenhuma atividade, nenhuma auto-conservação,..."*¹⁰⁶

*"Quando o homem adoece, essa força vital, imaterial, de atividade própria, presente em toda parte em seu organismo, é a única que inicialmente sofre a influência dinâmica hostil à vida, de um agente morbígeno; é somente o princípio vital, perturbação por uma anormalidade, que pode fornecer ao organismo sensações desagradáveis e impeli-lo, destarte. a atividades irregulares a que chamamos doenças..."*¹⁰⁷

*"...O organismo é, na verdade, o instrumento material da vida, não sendo porém concebível sem a animação que lhe é dada pelo dinamismo instintivamente perceptor e regulador (força vital), tanto quanto a força vital não é concebível sem o organismo".*¹⁰⁸

HAHNEMANN por mais de 40 anos foi alvo de acusações, perseguições e agressões. Por várias vezes foi obrigado a abandonar as cidades em que viveu. Seus últimos dias são passados na França, preocupado em divulgar suas idéias, onde veio a falecer em 1843 aos 88 anos de idade.¹⁰⁹⁻¹¹⁰

HAHNEMANN fundou e organizou novas dimensões de conhecimento e redefiniu a prática médica. Provocou reações violentas na medida que perturbou conhecimentos tidos como verdadeiros e únicos, extrapolando, inclusive, a dimensão histórica da disciplinarização e servidão da Ciência ao Estado, especialmente no caso alemão e suas polícias" médicas, como já tivemos oportunidade de discutir no início do nosso trabalho.¹¹¹

Importante ressaltar que apenas na quinta edição de sua obra fundamental, *Organon*, é que ele utilizará o termo *Lebenskraft*, força vital (1833), recusando vincular o Vitalismo à sua obra por 39 anos (a primeira edição de *Organon* foi em 1810). A referida expressão foi utilizada pela primeira vez na Alemanha por UNGER, que seguia STAHL. Até a quinta edição, portanto, HAHNEMANN pode ser considerado um dinamista (considera a vida como uma força).



Allan Kardec
(1804-1869)

- ¹⁰⁵ HAHNEMANN, S. *Organon de la Medicina*. Editorial Porma, México, 1984, 6ª ed., parágrafo 9.
- ¹⁰⁶ HAHNEMANN, S. op. cit., parágrafo 10.
- ¹⁰⁷ HAHNEMANN, S. op. cit., parágrafo 11.
- ¹⁰⁸ HAHNEMANN, S. op. cit., parágrafo 15.
- ¹⁰⁹ EISAYAGA, F.X. *Tratado de Medicina Homeopática*. Ed. Manual, Argentina, 1972.
- ¹¹⁰ Segundo seus historiadores os nove últimos anos foram os mais fecundos em termos de produção.
- ¹¹¹ Se na França o enfrentamento da questão da doença é feito pela intervenção no espaço e higienização das coisas, a face absolutista do Estado alemão implanta a política das *policías médicas*, cuja finalidade era exercer o poder em nome do Estado, afastando os doentes e controlando a vida das pessoas, doentes ou não. Ver ROSEN, G. e FOUCAULT, Michel. op. cit.

VITALISMO E KARDEC

As três primeiras décadas do século XIX foram palco de intensas polemizações entre os adeptos da escola vitalista, animista e materialista, esta última já então hegemônica, principalmente na França.

A formação intelectual de Allan KARDEC, ainda o jovem professor RIVAIL, foi permeada por essa discussão. Sua polêmica biografia demonstra o quão eclética foi sua formação.

KARDEC trata, logo na Introdução de "*O Livro dos Espíritos*", da alma, do princípio vital e do fluido vital, caracterizando qual o entendimento da Doutrina Espírita para cada um desses vocábulos, facilmente compreensível após a viagem histórica efetuada até aqui. Sua preocupação, como se viu, procedia. As divergências de opiniões não se prendiam às questões léxicas. Avançavam, tomavam corpo e se chocavam em grandes contradições conceituais. Alma para KARDEC, como princípio da vida orgânica material, não tendo existência própria e extinguindo-se com a vida, era inaceitável: "*puro materialismo, seria efeito e não causa*".¹¹² Como variedade do panteísmo, ou seja, alma como porção de Deus, também inaceitável.

Para KARDEC a alma era o ser imaterial e individual que existe em nós e sobrevive ao corpo. E lança o conceito, ressaltamos, na introdução de sua obra básica e fundamental, contra a polêmica e o ambiente hostil que o círculo intelectual apregoava sobre o princípio vital: "*princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio este comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem*".¹¹³ Ele, a princípio, levantou duas hipóteses para explicar o princípio vital: como propriedade da matéria ou residente em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorveria e assimilaria uma parcela durante a vida. A esta questão KARDEC dedicaria novos espaços

em sua obra, deixando ex-pressa sua opinião 11 anos após em "A Gênese", optando pela segunda hipótese.

A viagem histórica pelo universo do Vitalismo propicia importante releitura da kardequiana, particularmente na análise de algumas instruções preliminares feitas por KARDEC. No capítulo X de "A Gênese", todas as teses levantadas em "O Livro dos Espíritos" e trabalhadas em profundidade em "O Livro dos Médiuns", foram novamente abordadas e confirmadas.

Quando lançou crítica à Química que *"...decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta,..."*¹⁴ KARDEC em verdade procurava, como vitalista convicto, responder à ciência oficial as acusações de que a síntese da uréia, aqui já referida, destruiria todo o arcabouço ideário dos vitalistas.

É em "A Gênese" que KARDEC pronunciou-se sobre a natureza do princípio vital, afirmando que este está integrado no sistema de unidade do elemento gerador, como um estado especial, modificado, do fluido cósmico universal, e não como alguma coisa particular, com existência própria.

Em toda a sua obra, particularmente na "Revista Espírita", KARDEC trabalhou freqüente e profundamente a tese do fluido vital, seja como instrumento de análise dos fenômenos físicos e espirituais estudados, seja na fundamentação filosófica dos preceitos espíritas.

A concepção de fluido vital e de princípio vital é tão importante em KARDEC, que irá permear toda a sua obra, fundamentando teorias que vão desde a vitalidade dos seres orgânicos, a teorias sobre manifestações físicas, passando por sistemas, métodos, manifestações espíritas etc. Vê-se em toda a Kardequiana, o fluido vital sendo utilizado como o instrumento, o elo que permite a ligação entre dois planos: o material/matéria e o espiritual/espírito; de forma

que não é possível conceber a teoria espírita sem a concepção de fluido vital. A própria fundamentação do perispírito ratifica esta afirmação.

No capítulo IV de "O Livro dos Espíritos", dedicado ao princípio vital temos, em sua introdução comentário de KARDEC que define o Vitalismo:

"Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc".¹¹⁵

É a união do princípio vital à matéria que causa a animalização e diferencia os corpos orgânicos dos inorgânicos. Para os Espíritos a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, submetida a certas modificações para a constituição do Universo.

São os mesmos espíritos que dizem a KARDEC que o princípio vital compara-se ao conhecido na época por fluido magnético, ou fluido magnético animalizado. Ao mesmo tempo que dá impulso aos órgãos, a ação destes entretêm e desenvolve a atividade do princípio vital.

No mesmo capítulo de "O Livro dos Espíritos"¹¹⁵, KARDEC discute a questão da vida e da morte orgânica, demonstrando a harmonia do conjunto formado por espírito - fluido vital - matéria. Para ele, a atividade do fluido determina o fenômeno vida. A cessação desta atividade causa a morte. Considera ainda que a quantidade de fluido entre os seres é diferente, devendo ser renovada continuamente e podendo ser transmitida de um indivíduo a outro, o que em si fundamenta o Vitalismo e o Magnetismo.

Eis a importância metodológica para a época de assuntos como inteligência. e instinto constarem do capítulo em que KARDEC fundamenta seus conceitos sobre princípio vital, sob orientação dos espíritos. Ele checa quase todas as velhas teorias animistas/vitalistas, posicionando filosoficamente o Espiritismo a esse respeito.

Sua convivência com vitalistas evidencia-se, por exemplo, através de um artigo da "*Revista Espírita*" intitulado *Estatística do Espiritismo*:

*"...entre os profissionais liberais e profissões diversas, proporcionalmente aos aderentes que fornecem ao Espiritismo(...) os médicos homeopatas e os magnetistas (adeptos do magnetismo) figuram em primeiro lugar. (...) Em cem médicos espíritas há pelo menos 80 homeopatas. Isto se deve a que o princípio mesmo de sua medicação os conduz ao espiritualismo(...) compreenderam o Espiritismo porque acharam nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao espiritual, a razão de ser de seu sistema. Pelo mesmo motivo os espíritas puderam, melhor que os outros, compreender este modo de tratamento."*¹¹⁶

Discute ainda, nas páginas da "*Revista Espírita*", a possibilidade terapêutica da fluidoterapia, da homeopatia e do espiritismo combinados; preconiza a homeopatia como terapêutica ideal para as alterações orgânicas fluídicas; abre suas páginas para manifestações diretas do espírito HAHNEMANN a seus discípulos.

Permanece KARDEC, filosoficamente, em contradição à ciência acadêmica. Conquista a fúria daqueles fisiologistas, físicos, químicos e biólogos que descobriram na molécula, na célula, os arcabouços filosóficos para explicar a *verdade* e construir o hegemônico edifício do racionalismo científico moderno.



Gabriel Delanne
(1857-1926)

¹¹² KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. op. cit., Introdução.

¹¹³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. op. cit., Introdução.

¹¹⁴ KARDEC, Allan. *A Gênese*. FEB, Rio de Janeiro, 1868, p.198.

¹¹⁵ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. op. cit., cap.IV.

¹¹⁶ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. op. cit., 1860.

O DESTINO DO VITALISMO

O Mecanicismo acreditou ter dado seu grande e último revés ao Vitalismo em 1831,¹¹⁷ com a síntese da uréia em laboratório, o que em tese destruía o corpo filosófico do Vitalismo.

O discurso vitalista, calcado sobre o conceito de saúde, não encontrou meios de legitimação permanente, dentro do contexto epistemológico e político da ciência das doenças, onde as categorias de normalidade e patologia já prevaleciam.¹¹⁸ O objeto passa a ser a patologia e não a saúde, entendendo-se a patologia como realidade objetiva, definida em termos fisiopatológicos ou anatomopatológicos e tendo a clínica, como sua oponente.¹¹⁹

Esta redefinição apresenta dois traços característicos do *organicismo*: uma tentativa perene de reduzir o fenômeno da vida ao organismo e a busca dos mecanismos da vida sempre a partir da morte do corpo físico. E assim o Vitalismo desloca-se da realidade da racionalidade científica moderna e inviabiliza seu processo de legitimação.

Encontramos em HAECKEL um exemplo claro a respeito:

"todos os corpos naturais conhecidos; animados ou inanimados concordam em todas as suas propriedades essenciais. As diferenças que existem entre estes dois grupos de corpos (orgânicos e inorgânicos), quanto a forma e as funções, são simplesmente a consequência necessária da sua diferente composição química. Os fenômenos característicos do movimento e de forma da vida orgânica não são a manifestação de uma força vital especial, mas simplesmente os modos da atividade dos corpos albuminóides (combinações do plasma) e outras combinações mais complicadas do carbono".¹²⁰

A tendência vitalista, apesar de superada, não-deixou de ter adeptos na teoria e na prática, com diversos desdobramentos.

O Vitalismo sobreviveu após HAHNEMANN e KARDEC, seus grandes expoentes do século XIX, através de seus respectivos seguidores.

RUCKERT, GROSS, JARH, BOENNINGHAUSEN, WEBER, HERING, HEMPEL, HART, LIPPE, LEE e KENT, destacam-se na divulgação da homeopatia e do vitalismo pelo mundo.¹²¹

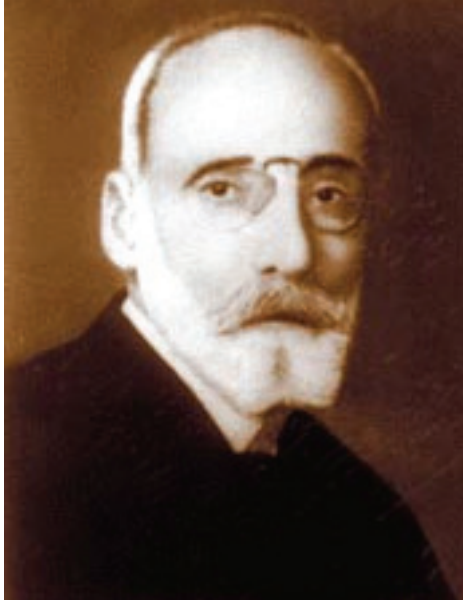
DENIS, FLAMMARION, DELANNE, BOZZANO, LOMBROSO, GELEY, RICHET, DE ROCHAS, WALLACE, CROOKES e outros, continuaram estudando e divulgando o Espiritismo e as ciências psíquicas, utilizando-se freqüentemente do fluido vital como tese e teoria dentro do processo de investigação dos fenômenos. DELANNE, por exemplo, em 1895, publica excelente obra, em que volta a discutir e reafirmar os conceitos de KARDEC sobre a força vital:

*"Temos, pois, a vida como um modo especial, vivente, de proceder para manter o seu funcionamento; existe no ser organizado algo inexistente nos corpos inorgânicos, algo operante por métodos particulares, sui generis, e que não só fabrica como repara os órgãos. A esse algo chamamos força vital."...A vida resulta, portanto, evidente da união da força vital com o perispírito, dando àquela a vida, propriamente dita, e este as leis orgânicas, concorrendo a alma com a vida psíquica."*¹²²

Abandona-se o insustentável vocábulo *fluido* completamente superado pelos conhecimentos científicos da física. No final do século XIX, o vitalismo permanece vivo através de importantes sábios e homens de ciência, porém com suas concepções representadas na forma de energia ou *força vital*.

E nos estertores do século XIX ressurgiu como escola científica, como o Neo-vitalismo, com adeptos em todo o mundo e que resultou, novamente, em importantes contra-reações por parte daqueles que tinham projetado o clímax do mecanicismo. Por exemplo:

"Nesses últimos tempos, o velho espectro da mística força vital, que parecia morto para sempre, reanimou-se; diversos biólogos distintos procuram fazê-lo reviver com um novo nome" (referindo-se à obra do alemão REINKE, 1899)¹²³



Ernesto Bozzano
(1862-1943)

¹¹⁷ HOBBSBOWN, E. A era das revoluções: 1789-1848. Paz e Terra, São Paulo, 1987.

¹¹⁸ LUZ, M.T. op. cit., p.94. 119 LUZ, M.T. op. cit., p.97.

¹²⁰ HAECKEL, E. *Morphologia Geral*. Chardran Ed., Porto, 1886

¹²¹ EISAYAGA, F.X. *Tratado de Medicina Homeopática*. Ed. Manual, Argentina, 1972.

¹²² DELANNE, Gabriel. *Evolução Anímica*. 4ª ed., FER, Rio de Janeiro, 1976. (original de 1895)

¹²³ HAECKEL, E. *Os enigmas do Universo*. Chardran, Porto, 1926.

CONCLUINDO

O modelo racionalista, hegemônico após a segunda metade do século XIX, dominante também na Medicina, dificultou ou mesmo impossibilitou o reconhecimento de outras *verdades*, isto é, de outras teorias, conceitos e práticas que não se limitavam ou circunscreviam à anatomopatologia e à fisiologia mecânica (que se sobrepôs à vitalista). Deste modo, é possível entender porque apesar da eclosão de inúmeras teorias, sistemas explicativos da doença e das mais variadas propostas terapêuticas, de cura - entre os quais encontram-se o *Magnetismo*, o *Vitalismo* e o *Espiritismo* - somente aquelas que partilharam dos postulados científicos do racionalismo é que tiveram alguma chance de se legitimar cientificamente. Não por sua capacidade explicativa e de intervenção nas demandas sociais e individuais, mas por sua coerência em relação à racionalidade científica em construção.

Entre os sistemas e teorias explicativos que não tinham chance de se legitimar, uma vez que se contrapunham com os princípios lógicos da racionalidade científica em construção, e em particular com a Medicina, incluímos o *Magnetismo*, o *Vitalismo* e o *Espiritismo*.

Desta forma, entendemos que a contextualização do cenário, dos sujeitos sociais envolvidos na gênese e na evolução das três vertentes em questão, bem como a delimitação de seus discursos, de seus projetos e de suas trajetórias, e ainda, a delimitação dos pontos de contato com o pensamento de outras teorias contemporâneas a essas doutrinas, são de fundamental importância para a compreensão de seus significados históricos. Cria-se, assim, mecanismos para que possamos identificar e compreender as condições que propiciaram a emergência e o declínio, bem como o processo de "*contaminação*" a que todas as formas de

conhecimento se submetem; e entendemos que não poderia ser diferente com as que foram nosso objeto de estudo neste trabalho. O processo de resgate, se pleno de historicidade, permite-nos lançar novos olhares, que possam explorar o conhecimento humano, ou ao menos de uma época determinada, de forma mais profunda e dinâmica.

Creemos ter sido possível ainda, resgatar as origens de uma série de práticas, incorporadas no seio do movimento espírita, cuja manutenção e completa ignorância só interessa àqueles, de matiz altamente conservadora, que obstaculizam e negam veementemente a necessidade de se questionar e modificar algumas dessas práticas, que acabaram se tornando ao longo do tempo, lesivas, incoerentes, insustentáveis, ou simplesmente desnecessárias.

Para que o Espiritismo se mantenha vivo, apto a trilhar a evolução progressiva no campo das idéias, é necessário compreender de forma contextualizada a formulação do pensamento humano, e em particular, da própria doutrina que abraçamos.

A releitura da obra de KARDEC, dentro dos limites e da contextualização aqui defendidos pode, potencialmente, implicar e constituir-se em agente mobilizador rumo a continuidade da formulação do pensamento espírita. Esperamos ter proporcionado ao nosso leitor subsídios para a consecução deste objetivo.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Canuto. "***O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária***". Jornal Unificação, São Paulo, 1957.
- AIZPÚRUA, Jon. "***História de la Parapsicología***". Caracas, Universidad de la Tercera Edad, 1986.
- BRAMWELL, J. "***Hypnotism, its History, Practic and Theory***". New York, The Julian Press, 1956.
- CASTIGLIONO, A. "***História da Medicina***". São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1954.
- COSTA, N. R. "***Lutas Urbanas e Controle Sanitário, Origem das Políticas de Saúde no Brasil***" 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1986
- CREDIDIO, E. "***Homeopatia: Doutrina e Prática***". Campinas, Papirus, 1987.
- DEJOURS, C. "***A Loucura do Trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho***". São Paulo, Oboré, 1987.
- DELANNE, Gabriel. "***A Evolução Anímica***". 4ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1976. trad. de Manuel Quintão.
- DAVIS, A. "***Tratamento de las Enfermedades por Hipnotismo y Sugestión***". Barcelona, Antônio Rocha Editor, s.d.
- DELEE, S. "***Hypnotism in Pregnancy and Labor***". J.A.M.A., 159:750-754,1955.
- DONNANGELO, C. "***Saúde e Sociedade***". São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976.
- DURANT, W. "***História da Civilização***". São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1954.
- EISAYAGA, F. X. "***Tratado de Medicina Homeopática***". Argentina, Ed. Manual, 1972.
- ESDAILE, J. "***Cirurgia Mayor y Menor bajo Hipnosis***". Buenos Aires, Crespillo, 1959.
- FOUCAULT, Michel. "***Microfísica do Poder***". 6 ed., Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- GINDES, B. "***New Concepts of Hypnosis***". New Y ork, The Julian Press, 1886.
- HAECKEL, E. "***Morphologia Geral***". Porto, Chardran, 1886.
- _____. "***Os Enigmas do Universo***". Porto, Chardan, 1926
- HAHNEMANN, S. "***Orgnon de la Medicina***". México, Porrúa, 1984.

- HOBSBA WN, E. "**Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**". Rio de Janeiro, Forense, 1978.
- _____. "**A era das revoluções: 1789-1848**". São Paulo, Paz e Terra, 1987.
- KAECH, R. "**Mesmer e Magnetismo Animal**". Revista Psicol. Norm. Pato 3:589-625, 1957
- KARDEC, Allan. "**O Livro dos Espíritos**". Rio de Janeiro, FEB, 1978.
- _____. "**Revista Espírita**". São Paulo, Edicel, (1858-1869) 12 vol. trad. Júlio Abreu Filho.
- _____. "**O Livro dos Médiuns**". 50ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1984.
- _____. "**A Gênese**". 27ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1984.
- _____. "**Obras Póstumas**". Rio de Janeiro, FEB, 1978.
- KROGER, W. "**Introduction and Supplementary Reports**". New York, Esdaile, 1967.
- LANTIER, J. "**O Espiritismo**". Lisboa, Edições 70, 1971. Coleções Esfinge.
- Lrnz, M.T. "**Natural, Racional, Social- razão médica e racionalidade científica moderna**". Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- MERHY, E.E. "**Capitalismo e Saúde Pública**". 2ª ed., Campinas, Papirus, 1987.
- MILECHNIN, A. "**La Hipnosis**". Argentina, Librería Hachette, 1961.
- MONIZ, E. "**El Abade Farias en la História de la Hipnosis**". Buenos Aires, Poblet, 1960.
- PASSOS, A. M. "**Aspectos Atuais da Hipnologia**". São Paulo, Linográfica Editora, 1961.
- RIBEIRO, C.A.M. "**O Vitalismo**". São Paulo, Rev. Similia, s.d. nº 9.
- ROSEN, G. "**Da Polícia Médica à Medicina Social**". Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- RUSSEL, B. "**História da Filosofia Ocidental**". São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.
- SAM, M. "**Tratado de Medicina Chinesa**". Lisboa, Coquemard, 1957.
- TEIXEIRA, P.C. "**Homeopatia x Alopátia ou Vitalismo x Materialismo**". São Paulo, Verso, 1985.
- VAN PELT, S. "**Hypnotism and the power within**". New York, Fawcwt Publications, 1974.
- WANTUIL, Zêus & THIESEN, Francisco. "**Allan Kardec: meticulosa pesquisa bibliográfica**". Rio de Janeiro, FEB, 1973. 3 vols.